This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

27274
54.810

27274.54.810

Harvard College Library

THE GIFT OF

FREDERICK ATHEARN LANE,

OF NEW YORK, N. Y.

(Class of 1849).

17 Jan. 1894.

27274.54.810

Harvard College Library

THE GIFT OF

FREDERICK ATHEARN LANE,

OF NEW YORK, N. Y.

(Class of 1849).

17 Jan. 1874.

OPUSCULO

ACERCA DO PALMEIRIM DE INGLATERRA

E

DO SEU AUTOR

NO QUAL SE PROVA HAVER SIDO A REFERIDA OBRA COMPOSTA ORIGINALMENTE EM PORTUGUEZ.

por

MANUEL ODORICO MENDES

Da Cidade de S. Luiz do Maranhão.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
Travessa da Victoria, 73.

1860.

27274.54.810
~~27274.8.2~~

IMPERIAL OFFICE
JAN 17 1904
LIBRARY

Lane fund.

OPUSCULO ACERCA

DO

PALMEIRIM DE INGLATERRA

E

DO SEU AUTOR.

Francisco de Moraes foi reconhecido sempre como autor do romance ou poema de cavallaria *Palmeirim de Inglaterra*, desde que se averiguou não o ser D. João II, nem o infante D. Luiz, nem algum dos principes de Portugal; falsa opinião que, vogando fóra do reino, dentro nunca teve sectarios. Porém em 1826, no Catalogo dos livros hespanhoes e portuguezes impresso em Londres por Vicente Salvá, litterato aliás de grande merecimento, ora attribue-se a paternidade a Miguel Ferrer, ora a Luiz Hurtado; o que se lê na pagina 163 da primeira parte e nas 156 e 157 da segunda. Funda-se, para arrancar aos portuguezes a palma de Inglaterra, conforme a expressão do immortal Cervantes, em sair á luz o livro hespanhol em 1547, o portuguez só em 1567, edição de Evora, por André de Burgos; razão que parece irrefragavel; mas, sendo a unica, tendo eu para derribal-a muitas e muito mais fortes, expôl-as vou, na certeza de que ninguem mais disputará plausivelmente contra o nosso Francisco de Moraes, porque nada se oppõe á evidencia.

Este opusculo dividir-se-ha em tres partes: n'uma demonstrarei de quem seja o original; em outra, ajuizarei da obra e do estylo; na ultima, direi quanto pude colher da vida e dos escriptos do nosso famoso classico.

*

PRIMEIRA PARTE.

Constante é que Francisco de Moraes, affeiçoado á casa dos Linhares, esteve com um na côrte de Francisco I. D'isto não se duvide, porque elle mesmo, na dedicatoria á infanta D. Maria, se explica assim: «Eu me achei em França *os dias passados* em serviço de Dom Francisco de Noronha (*este ainda não era conde, só o foi depois da renuncia do primogenito D. Ignacio*), embaixador d'el-rey nosso senhor e vosso irmão, onde vi algũas cronicas francezas e ingrezas; antre ellas vi que as princezas e damas louvavam por estremo a de Dom Duardos, que nessas partes anda tresladada em castelhano e estimada de muitos. Isto me moveo a ver se achava outra antigualha que podesse tresladar, pera que conversei Albert de Rennes em París, famoso cronista deste tempo, em cujo poder achei algũas memorias, e antre ellas a cronica de Palmeirim de Inglaterra, filho de Dom Duardos, tam gastada da antiguidade do seu nascimento que com assás trabalho a pude ler: tresladeya, por me parecer que pola affeição de seu pay se estimaria em toda parte, e com desejo de a dirigir a Vossa Alteza.»

Segundo o tomo 3 do *Quadro Elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal pelo visconde de Santarem*, Paris, 1843, — era embaixador em França em Novembro de 1543 D. Francisco de Noronha, ao depois conde de Linhares: este diplomata acalmou com muita habilidade a indisposição de Francisco I por el-rei de Portugal não lhe ter participado o casamento da infanta D. Maria (do mesmo nome que sua tia a filha de D. Manuel e D. Leonor) com o principe D. Philippe, e principalmente por ajustal-o com um inimigo da corôa de França; e o soberano de Portugal contestou com os motivos produzidos pelo embaixador. Em Abril de 1544, escreveu D. João III ao bispo de Tangere D. Gonçalo Pinheiro, seu embaixador em França, a respeito dos corsarios; tornou-lhe a escrever em 28 de Julho e em 2 de Agosto do mesmo anno. Em 13 de Dezembro de 1548, por

uma carta credencial, foi de novo nomeado o mesmo D. Francisco de Noronha.

Em duas embaixadas pois serviu o segundo conde de Linhares, uma até 1543, a outra principiando em 49, attenta a data da credencial. Ora, asseverando Moraes ter estado em França *os dias passados*, expressão indicadora da sua recente chegada, e ajuntando que dirigia o *Palmeirim* á princeza, entre outros motivos, por haver em França recebido mercês da rainha christianissima, viuva de D. Manuel e mãe da mesma D. Maria; segue-se que não se trata da segunda embaixada, porque d'essa vez o conde só podia estar em Paris muito depois do fallecimento de Francisco I, acontecido em Março de 1547, quando sua viuva já não residia em Paris: é facto incontestavel que esta senhora, morto o marido, foi-se logo para Flandres, d'onde acompanhou a seu irmão Carlos V para Hespanha.

Assentado que Moraes só esteve em França até 1543, e ao chegar a Portugal offereceu o *Palmeirim* á filha de D. Manuel, deita isso para o começo de 1544. Como é que o traductor de uma obra saída em 1547 dedicou a sua versão em 1544? Esta só consideração desmorona todo o edificio de Salvá; mas, ex abundante, apresentarei outras não menos convincentes, intrinsicas ao poema portuguez. — Antes de entrar n'ellas, tocarei em mais uma inducção de Salvá ou de seu filho, que se escorou n'um acrostico de cujas iniciaes forma-se a oração *Luis Hurtado autor al lector dá salud.* Primeiro, n'essas estancias confessa que verteu a obra; segundo, a palavra *autor* só se refere ao acrostico, de Hurtado certamente; e refira-se embora ao poema, autor é o que faz alguma cousa, e uma traducção é alguma cousa. Restrictamente se diz autor quem traça ou inventa a idéa, e só n'este sentido é inapplicavel ao traductor; e, se hoje mais frequentemente se toma na accepção restricta, no tempo de Hurtado e muito depois não era assim, quer em Hespanha quer em Portugal: Cosme Ferreira de Brum, que metrificou os argumentos da Eneida vertida por Franco Barreto, a este chama autor no soneto que lhe dirigiu; e o padre Viegas, da Companhia de Jesus, que do italiano traduziu um livro de piedade, appellidam-no autor todos os censores, mais os que lhe deram as licenças para correr. Fraquissima e inconcludente prova é a que se funda n'um vocabulo de ambiguo sentido.

Affirmei que Hurtado se confessa traductor; vejamos o aerostico:

Liendo esta obra, discreto lector,
Vi ser espejo de echos famosos;
Y viendo aprovecha a los amorosos,
Se puso la mano en esta lavor:
Halle que es muy digno de todo loor
Un libro tan alto, em todo facundo;
Rebiven aqui los nuevos que al mundo
Tomaran renombres de fama mayor.

Aqui los passados su nombre perdieron,
Dejando la gloria a questos presentes:
Olvido se tenga de aquellos valientes;
Aviendo mirado lo questos hizieron,
Vereyslos, lectores, en quanto subieron
Tratando las armas; en las aventuras
Obrando virtudes, dejaron a escuras
Roldan y Amadis, que ya perecieron.

Aqui Palmeirin os es descubierto,
Los echos mostrando de su fortaleza:
Leelde, pues es hystoria de alteza
En todo aplacible; con dulce concierto
Coged com sentido: en ello despierto
Todas las flores; de dichos notables
Oyendo sentencias, que son saludables;
Robando la fruta de agenos huertos.

Direte, lector, aqui solamente,
Aqueste tratado no dejes de aver,
Sabiendo quan poco puedes perder;
Aviendo mirado el bien de presente,
La habla amorosa y estilo eloquente,
Veras las razones y gracias donosas;
Dirás no aver visto batallas famosas,
Si aquestos mirares, em todo excelentes.

N'estas coplas, onde não ha belleza de estylo nem cousa que cheire a poesia (ao contrario das poucas de Moraes inseridas entre as suas prosas, versos em que se approxima

do modo singelo e affectuoso de Bernardim Ribeiro), gaba Hurtado o livro e o eleva acima do *Amadis* e do *Orlando Furioso*, gabos só proprios de um traductor e muito improprios de um autor; e o verso *Robando la fruta de agenos huertos* é prova plena de não ser d'elle a composição original; mas o que tira até a esperança de duvida é a primeira estancia. Hurtado sim originalmente compoz o acrostico, de cuja invenção não lhe negaremos a gloria.

Vamos agora ao seio do poema, e d'elle desentranhemos claras e importantes razões, que tem de convencer os mais obstinados.

Francisco de Moraes, residindo em Paris de 1540-1543, enamorou-se de uma dama da rainha D. Leonor, appellidada Torci, de uma familia ainda hoje conhecida: não o acceitou a dama, por discordarem na idade; o que patenteia o seu discurso — Desculpa de uns amores —, onde chora o seu desengano. Esta desventura foi causa de haver, nos capitulos 137-143 do *Palmeirim*, introduzido umas justas em honra das quatro senhoras francezas Mansi, Telensi, Latranja e Torci: n'estas justas, que finge terem sido sustentadas em Dijon por Floriano do Deserto, elle dá sempre a melhor a Torci, que era donzella, sendo casadas as tres; e n'essa ficção, em desforra do despreso que soffreu em Paris, á larga discorre sobre a inconstancia do bello sexo do paiz, e até parece que em Mansi quiz representar a duqueza d'Etampes, por quem Francisco I menoscabou tanto a consorte, que o tinha sido do portuguez o afortunado rei D. Manuel. — Antes de proseguir no meu proposito, apontarei que Moraes, em tal episodio inteiramente da sua phantasia, falla como se o achasse na *cronica geral dos feitos antigos e obras notaveis dos francezes*; reparo este que me servirá opportunamente.

E tornando á materia, cabe lembrar que Hurtado, na edição de 1547, traz os mencionados onze capitulos: fica pois evidente que o supposto compositor não havia de inserir no seu livro uma ficção nascida da aventura do seu futuro traductor; que a composição portanto não é de Luiz Hurtado, o qual por certo nunca a attribuiu a si: foi Salvá quem lhe quiz outorgar esta mercê. — João de Brito de Lemos diz, no Abecedario Militar: « E até o Palmeirim de Inglaterra, feito por Francisco de Moraes, que na nossa lingua tanto se avantajou, foi traduzido em hespanhol. » Ninguem o contrariou, nem a Manuel de Faria, nem ao bisneto de Mo-

OPUSCULO

ACERCA DO PALMEIRIM DE INGLATERRA

E

DO SEU AUTOR

NO QUAL SE PROVA HAVER SIDO A REFERIDA OBRA COMPOSTA ORIGINALMENTE EM PORTUGUEZ.

por

MANUEL ODORICO MENDES

Da Cidade de S. Luiz do Maranhão.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
Travessa da Victoria, 73.

1860.

No capitulo 60, para encarecer a formosura de Miraguarda, põe o elogio d'ella na boca do heroe Palmeirim, que aliás estava todo entregue a sua senhora Polinarda; e são estas as palavras: «E olhando mais acima, vendo o vulto de Miraguarda, foi tam salteado daquella primeira mostra que, nã sabendo que cuidasse, por estar desapossado do juizo e entendimento, ficou algum espaço suspenso, e tornando algum tanto em seu acordo, pondo os olhos nella, começou a dizer: Senhora, agora vejo o que nã cuidava, e já me nã espanta fazer tamanhos estremos este vosso cavalleiro, pois por tamanho estremo se combate.» — E no capitulo 61, com o mesmo intento, accrescenta Moraes: «Porem primeiro esteve olhando o vulto de Miraguarda, que lhe pareceu a mais formosa cousa do mundo, e se então não tivera a vontade em outra parte tam sujeita, soubera mal determinar quem fazia vantagem hũa a outra, Polinarda a ella ou ella a Polinarda. E crendo que, occupando muito a vista naquella imagem, offendia o amor de sua senhora, virando as redeas se foi, sem saber que via levasse.»

Aqui ajunto mais uma passagem, do capitulo 149: «As naus principaes vinham cubertas de toldos ricos de pano de seda e ouro, e as de menos calidade de outros panos de côres broslados e cortados de muitos laços e galantarias, com que ficavam tam louçãos, que pareciam competir com os brocados e purpuras de que as mais nobres se ataviavam. Arnedos, rey de França, veio em hũa nau com a rainha, e Florenda e Gratiamar suas filhas, com algũs cavalleiros para sua guarda. Em outra Recindos e a raynha, tambem com sua guarda. Em hũ galeão, que antre a frota fazia mayor soma e mayor rebolaria, veio a bella Miraguarda, e nelle o gigante Almourol e Florendos, com algũs cavalleiros velhos pera sua defesa; que, como Recindos tivesse por certo que a tenção do imperador era casalla com Florendos seu neto, herdeiro do imperio, quiz fazer della tamanho caso que, com consentimento de Arnedos, houveram a sua nau por capitanea, e nella só se poz bandeira na gavea, farol na popa, como a mais principal.»

Emfim, reforçando a prova da predilecção do autor para com a sua portugueza, direi do que passou na ceremonia dos casamentos. Sendo os filhos legitimos de D. Duardos os dois maiores cavalleiros, era de esperar que fossem elles e suas noivas os mais considerados, e seus recebimentos os pri-

meiros; mas não aconteceu assim: por ordem do imperador, começou-se pelo do sultão Belagriz, não só por ser monarcha, mas sobretudo por se ter baptisado e convertido ao christianismo; e quanto aos outros principes, começou-se pelo de Florendos, inferior na valentia a seus primos Floriano e Palmeirim; e isto, ajunta Moraes, «por honrar mais Miraguarda, que veio tam soberba, tam altiva, com tamanha confiança, como se naquelle auto ella fora a que menos ganhara.» Reflicta-se que as noivas dos cavalleiros mais conspicuos eram rainhas e princezas, e só Miraguarda uma simples fidalga; o que imaginou o poeta para realçar o merecimento pessoal da sua portugueza, a quem talvez colloca acima da mais formosa, ou nunca abaixo.

No meio d'aquella ceremonia dos casamentos de principes e soberanos, com o fito sempre de engrandecer e recordar as cousas patrias, conta miudamente como tambem se receberam os Portuguezes Almourol e Cardiga, e conclue assim: «Algũs cronistas dizem que o filho que d'antre ambos nasceu se chamava Tranconio, e que hum dia, atravessando o Tejo abaixo do castello de Almourol, se afogou; donde este passo se chamou algum tempo o pego de Tranconio: depois corrompendo-se o vocabulo, se mudou em pego de Tancos; daqui veio chamar-se assim a povoação que em nossos dias se fez á borda do mesmo pego.» Só a um portuguez, e por ventura nascido n'aquellas visinhanças, lembrara interromper a descripção de umas festas reaes para occupar-se de uma villota insignificante, como então era Tancos. — Estando Portugal unido á demais Hespanha, só nomeia-se o rei Recindos; e quando este morre na primeira batalha campal, é o Portuguez Almourol quem, para defender seu cadaver, depois de lhe ter defendido valorosamente a vida, peleja até acabar, sem elmo nem escudo; provando, digamol-o com Camões,

> Aquella portugueza alta excellencia
> Na lealdade firme e obediencia.

E não satisfeito de o honrar por cima de qualquer outro vassallo hespanhol, ao descrever o autor as sepulturas dos reis cavalleiros na Ilha Perigosa, colloca o esqueleto de Almourol, armado de lança, á cabeceira do sepulcro do velho imperador Palmeirim, como para o guardar; alludindo assim á sua fidelidade.

Moraes, sem perder occasião de exaltar os seus, pondo Miraguarda a competir com Lionarda noiva de Floriano, com Polinarda noiva de Palmeirim, entre as princezas tomou uma hespanhola á sua conta: a pobre Arnalta, rainha de Navarra, é a unica representada como devassa e inconstante, nem lhe concedeu a honra de casar conjuntamente com as tres damas que lhe levavam a palma, sendo ella a quarta em belleza; o que se pode verificar nos capitulos 66, 103, 110 e 130, e sempre que apparece na scena. — Será crivel que o Hespanhol Hurtado buscasse uma Hespanhola para imputar-lhe as acções e os sentimentos mais baixos, e escolhesse uma Portugueza para ser o exemplo da altivez e da dignidade e *izenção*, segundo se exprime o autor? Será crivel que nunca achasse uma phrase para honrar os Hespanhoes em geral, e procurasse tantas e tão bellas em louvor dos *bellicosos* Lusitanos?

Quem attenta esta questão com olhos imparciaes, vê que o Portuguez, iscado das preoccupações reciprocas de ambos os povos, aproveitou a vez para engrandecer homens e mulheres da sua terra á custa do reino irmão. Ainda hoje o vulgo nutre certa zanga para com os outros Hespanhoes; indisposição mais viva no tempo de Moraes, coetaneo de D. Manuel; o qual, pretendente da corôa de toda a peninsula, tinha renovado o odio acceso nas batalhas de D. João I. Ignora alguem que referem os Castelhanos mil anecdotas contra seus visinhos? Versam não poucas em persuadirem-se estes que as senhoras da demais peninsula são namoradeiras e faceis; engano mal fundado no desembaraço d'ellas, maior que o das Portuguezas, não exceptuadas as mesmas Lisbonenses; engano que tem mettido alguns cavalleiros em aperto e vergonha, por se haverem adiantado com Hespanholas da boa sociedade. Moraes pois seguiu n'essas passagens os preconceitos de seus concidadãos; o que era moralmente impossivel a Hurtado, que só as conservou na sua traducção pelo dever de fiel interprete.

Não contente o Portuguez de vilipendiar a Arnalta de Navarra, traça a historia de tres guapos cavalleiros, que serviam as filhas do duque Calistrao de Aragão; mas que, *ao tempo que esperavam galardão dos seus merecimentos e casar com ellas, sayram casadas com tres criados de seu pay, bem desiguaes dellas em toda a calidade.* — Uma só vez menciona o desar de certa portugueza, a qual se rendeu a Floriano do

Deserto, o Paris e o Theseu do romance: isto se lê no capitulo 128; mas o poeta, que em similhantes casos, acontecidos com o mesmo Floriano, deixa correr á revelia a causa das mulheres, n'este se apressa a desculpar aquella, com a gentileza de mancebo, com o perigo em que se metteu para salval-a, com o arrependimento que á dama sobreveio.

O livro castelhano appareceu em 1547, anno do nascimento de Miguel de Cervantes, que d'elle teve noticia; pois é inadmissivel o contrario em quem tanto estudara a materia, em quem louva o *Palmeirim* sobre todos os de cavallaria, em quem o emparelha com os poemas de Homero. E por que singular capricho o Hespanhol Cervantes, contemporaneo de Hurtado, regalaria a litteratura estrangeira com uma obra que tamanha honra fizera á do seu paiz? E porque descuido inconcebivel o mesmo Hurtado, que viveu e publicou livros depois da edição do portuguez em 1567, não lhe disputou a primazia? Quando el-rei D. João III concedeu-lhe, para si e seus descendentes, o appellido de *Moraes Palmeirim*, era boa occasião de mostrar Hurtado que, se o governo visinho tanto honrava ao seu traductor, mais o devia honrar o governo hespanhol; era boa occasião de reclamar a paternidade que se lhe negava: mas d'isto nada aconteceu. Reflicta-se ainda que na dedicatoria trata-se de D. João III como de pessoa viva, e se ella fosse para a edição de 1567, assim não fallara o autor; porque o rei falleceu muitos annos antes d'essa edição. Felizmente as razões em favor do nosso romanceiro fundam-se na verificação de epocas bem determinadas e em factos historicos authenticados. — Já previno a objecção de que Cervantes, embora desconheça a Hurtado como original, tambem desconhece a Moraes: a minha resposta e descarga tem de nos levar a discutir qual seja a primeira edição, e qual o motivo da conjectura de Cervantes, que, se desconhece o verdadeiro autor, pensava todavia ser um Portuguez; ponto principal da questão.

Chegado Moraes a Lisboa no fim de 1543 ou logo no principio de 1544, como já provei, offereceu o livro á infanta, que por instruida e amiga das lettras o acceitou e estimou: vindo o livro impresso de fora, a dedicatoria foi em manuscripto, precedendo licença de D. Maria, pois sem previa permissão ninguem podia consagrar uma obra a qualquer pessoa real. Apparecendo anonymo o *Palmeirim*, deu logar a suppôr-se de outrem e não de Moraes; tendo-se espalhado ser com-

posto por um rei ou por um infante, o boato circulava ainda no tempo de Cervantes, que o mencionou dubitativamente: a imaginação tende a adjudicar um bello escripto a um grande senhor. A dedicatoria nem veio na primeira edição, nem na segunda, só na terceira a publicou Affonso Fernandes em 1592: d'ella não teve Cervantes noticia quando compunha o seu Quixote, concluido muito antes de o dar á imprensa.

A primeira edição é a que na quarta, em 1786, se alcunha de segunda, que existia na bibliotheca de S. Francisco da Cidade, *em caracter entre gothico e redondo* (são palavras do editor de 1786) *que dá mostras de ser impressa fóra do reino*. Sim, foi impressa fóra do reino, provavelmente em Paris, onde Moraes a compoz entre os annos de 1540 e 1543; mas appareceu sem autor nem dedicatoria, segundo o affirmou no seu *Anonimus scripsit* o douto D. Nicolau Antonio; que, sendo de Sevilha e um dos melhores criticos da peninsula iberica, não falla de Hurtado, cujo nome comtudo vem no acrostico de 1547. E porque não trata elle de Hurtado e omitte o autor? é porque sabia da edição mais antiga, onde Moraes não se nomeou, mas estava certo de não ser Hurtado o escriptor original. — Quanto a sêl-o D. João II ou D. Luiz, é cousa que se refuta facilmente ao considerar-se que a inquisição, no tempo de D. João III, metteu o *Palmeirim* nos seus indices expurgatorios: a inquisição no principio não tinha a força, que depois teve, para anathematisar uma obra de tão altas personagens. Tocarei ainda n'este ponto quando fallar no estylo do nosso primoroso classico.

Desejando incluir n'este opusculo todas as noticias que pude colher, e tendo asseverado que o *Palmeirim* attrahiu o anathema da inquisição, o que tambem concorreu para o desapparecimento dos exemplares da verdadeira primeira edição do começo de 1544; vou resumir agora os esclarecimentos que me communicou o sr. Antonio Nunes de Carvalho, um dos lentes actuaes de Coimbra e um dos meus examinadores n'aquella universidade ha mais de quarenta annos. « Achando-me em Londres, encontrei alli D. Vicente Salvá, sujeito muito erudito e conhecedor de livros raros. Na primeira parte do seu catalogo, diz que Miguel Ferrer foi o autor do Palmeirim; mas na segunda, em razão de um acrostico achado por seu filho no fim da edição hespanhola de 1547 e 1548, declarou-se por Hurtado. Examinei o exem-

plar, unico dessa edição que se conhece, e mostrei-lhe que Miguel Ferrer era simplesmente o impressor da segunda parte, que succedeu a Fernando de Santa-Catherina, impressor da primeira; que Hurtado foi o traductor castelhano, e talvez com medo da inquisição, fugiu de nomear-se claramente e se occultou no acrostico. Mas o Salvá não se quiz desdizer. — Das indagações que fiz em Londres e Paris, depois de ratificadas em Portugal, collegi que Francisco de Moraes, indo por secretario de D. Francisco de Noronha, embaixador em Paris no tempo de Francisco I, ahi compoz o Palmeirim, ajudando-se de uma velha chronica existente em francez ou em provençal; que, de volta com o embaixador, o dedicou á infanta D. Maria; que, sendo bem acolhido, o traduziu Hurtado em castelhano; mas que a inquisição o inseriu nos seus indices, juntamente com o *Cancioneiro* de Rezende, a *Rupica pneuma* de João de Barros, a comedia *Eufrosina* de Jorge Ferreira e outros muitos livros. »

As noticias do sr. Nunes de Carvalho, de acordo com as minhas, dão a suspeitar que Salvá queria por força o Palmeirim para a litteratura hespanhola: primeiro o offertou a Ferrer, confiado nas palavras *este pequeno fruto, outros escriptores, mis defectos, mi trabajo*, como se Ferrer não podesse applicar essas palavras a traductores e impressores, mas exclusivamente aos autores; ao depois, ellas perderam a magia, e foi Salvá escorar-se no termo *autor*, para esquecer-se de Ferrer e brindar a Hurtado; porém não se deteve em meditar o acrostico, bastando-lhe as iniciaes.

Verdade é que D. Nicolau Antonio diz que o *Palmeirim* foi do hespanhol vertido em italiano por Lucio Spineda, versão impressa em Veneza em 1584 e em 1609. Verdade é que Bure, na *Bibliographie Instructive*, diz que do castelhano o verteu Jacques Vicente, edição de Lyon em 1553 e de Paris em 1574. D'aqui se poderia inferir não ser portuguez o original; mas, além de já estar demonstrado que o é, reparese em que na Europa se estuda mais o castelhano, e quem o sabe dispensa-se de estudar o portuguez pela muita similhança de ambos; e, se isto é assim hoje em dia que, principalmente na Allemanha, mais se cultivam as linguas e as respectivas litteraturas, d'antes era peior, e a nossa apenas conhecida fóra das Hespanhas. Se uma tal inducção fosse bastante, e o traductor das obras mathematicas de Anastacio da Cunha não tivesse nomeado o autor, agora poderia

affirmar-se que não eram d'elle; pois que Anastacio da Cunha, lente de Coimbra, onde conversei pessoas do seu tempo, não tem em Portugal e no Brazil um só exemplar ou copia do seu livro original. D'estes argumentos são para allegar, ou quando em contrario faltam maiores, ou quando acompanham a outros e os vem apoiar. Ignoramos nós que Brazileiros, Portuguezes e Hespanhoes agora mesmo traduzem das traducções francezas muitos livros allemães ou inglezes?

O editor de 1786, citando Affonso Fernandes que em Lisboa reimprimiu o Palmeirim em 1592, bem nota que elle, chamando segunda a sua terceira edição, não teve noticia de uma das duas anteriores; sómente o de 1786 insiste no erro de ter como primeira a de Evora em 1567; erro, que atraz combatido, passo a desfazer de todo. — Affonso Fernandes, necessariamente maduro ao estampar de novo o Palmeirim, como quem era já dono de uma livraria e tinha emprehendido varias impressões, admittamos que apenas contava trinta e cinco annos. Se a edição de Evora fosse a primeira, e segunda a da bibliotheca de S. Francisco, seguir-se-hia que esta fôra feita no intervallo de 1567 a 1592; supponhamos (hypothese a mais favoravel a Salvá) que o foi em 1575, seguir-se-hia tambem que a de Fernandes saíu dezesete annos depois da alcunhada segunda, e que em 1575 o livreiro tinha uns dezoito annos, e concedamos de barato que só tivesse dezeseis: como pois não houve d'ella noticia um reimpressor, apezar das indagações do seu officio, e um reimpressor já taludo ao tempo da ignorada publicação? como ninguem o advertiu, existindo muitos que eram homens feitos em 1575? como, desapparecida a pseuda-segunda edição, conservavam-se exemplares da erigida em primeira, que, por mais antiga e portanto mais estimada, era a que devera ou estar esgotada ou tornar-se rara? Não é natural que o Palmeirim na sua estreia em portuguez fosse mais festejado e lido que oito ou dez annos adiante? A verdade solve todas estas incoherencias: havia exemplares da edição de Evora, por ser a mais moderna; occultou-se a Fernandes a existencia da de 1544, por ser a mais antiga, por tel-a consumido a avidez com que a procuravam nacionaes e estrangeiros, em uma epoca propicia a escriptos sobre cavallarias, da moda da Europa mesmo depois do D. Quixote.

Continuemos. O imperito editor de 1786, mencionando

a versão de Jacques Vicente, assim discorre: « Esta noticia de Bure nos leva a crer que, muito antes que Moraes escrevesse este livro, o havia já em francez como traducção do hespanhol; não sendo inteira ficção o que Moraes diz na dedicatoria. » E a mim um tal discurso me leva a crer quanto era superficial quem o proferiu. Que! citando elle a dedicatoria, não se dignou de combinar as datas? não verificou a epoca das duas embaixadas? não viu que o autor fallava de D. João III como de pessoa viva, sendo portanto a mesma dedicatoria anterior á edição de 1567, pois que o rei falleceu em 1554? Nada: com a idéa fixa de ser a primeira a edição de Evora, a este erro subordina todos os seus raciocinios; e estou que Salvá ahi bebeu a esperança de assegurar a Ferrer ou Hurtado, ou a qualquer Hespanhol, a invenção do nosso grande classico e elegantissimo prosador. Ora, dado que não seja aquillo inteira ficção, de modo nenhum prova ser hespanhol o original; provaria sim que nem era de Moraes nem de Hurtado, mas simples copia de *cronicas francezas e ingrezas*, como reza a dedicatoria; onde se vê que em castelhano estava *trasladada* a historia de D. Duardos, não a de seu filho Palmeirim; do qual havia uma velha chronica, mas não um poema, como é o de Moraes. E se este confessa tel-a achado entre os papeis de Albert de Rennes e que a *trasladara*, não querendo vestir-se com roupas alheias, para que teria negado ao Hespanhol a primazia da composição? Expliquemos.

E' facto, incontestado pelo mesmo Salvá, que os livros de cavallaria, para emprestarem ás suas patranhas um certo ar de verdade, costumam dizer que as descobriram em manuscriptos antigos. Advirta-se que Salvá o confirma, para não tirar ao seu Hurtado as honras da originalidade: seja pelo que fôr, tem n'isto razão; e Cervantes, que busca arremedar as maneiras de taes fabuladores, affirma que nada fez senão copiar o Quixote, composto pelo *prudentissimo Cide Hamete Benengeli*; o que sabe toda a republica das lettras ser totalmente imaginario. Autores sem serem de patranhas tiveram igual capricho: basta exemplificarmos com Florian, que chama o seu lindo poemeto *Elieser Nephtali* uma traducção do hebraico por certo Israelita do Cairo. E a este proposito, não me levem a mal que, sem embargo do que diz em abono do meu *Virgilio Brazileiro*, offereça ao leitor o que me acaba de escrever o meu bom amigo Mr. Ferdinand Denis, o Francez

que melhor tem avaliado a litteratura da nossa lingua. A sua carta serve-me, não só para comprovar o que digo, mas para apoiar-me na autoridade de um sabio que, nem sendo Portuguez nem Hespanhol, julga o Palmeirim uma producção de Moraes; e no Catalogo de Salvá, que me emprestou, escreveu á margem por sua lettra que as razões do bibliographo não bastavam para despossuir o nosso romanceiro de uma paternidade que sempre se lhe assignou. Eis-aqui a sua carta:

« 6 janvier 1859. Monsieur et ami, — Ce que vous souhaitez sur l'œuvre de Francisco de Moraes se trouve hereusement dans le Repertorio Americano; livre que je possède, c'est vous dire que ces notes bibliographiques sont à votre disposition: venons au second point. Ginez Perez de Hita, né dans la ville de Murcia, excita vivement l'admiration de Walter Scott. Cet habile romancier écrivait en l'année 1595, et pretendait avoir trouvé l'histoire charmante qu'il donna à l'Espagne dans un auteur arabe. Faria e Sousa, que bien vous connaissez, ne l'aimait pas (Não o estranho, porque Faria e Sousa, erudito embora, nem possuia um gosto seguro nem imparcialidade), mais il constate son prodigieux succès (voir les notes à propos de la Canção xv de Camoens). Au temps de Scudery le livre de Hita eut également une vogue extraordinaire, mais c'etait au temps de Scudery. Enfin l'interprète des Odes de Francisco Manuel do Nascimento traduisit en français la première partie, sans obtenir beaucoup de succès. J'en ai donné moi même un fragment plein de vie dans mes Chroniques Chevaleresques d'Espagne et de Portugal, Paris, 1839, 2 vol. in 8. — Ce livre (j'entends l'œuvre de Hita) n'est nullement indigne d'être cité par le fidèle et harmonieux traducteur de Virgile, auquel j'adresse de nouveau mes compliments.»

Estabelecido (pelos exemplos que citei, e por este de Hita que me forneceu Mr. Ferdinand Denis) que dizer um romanceiro que *trasladou* os seus contos não é argumento infallivel de serem uma versão na força da palavra; estabelecido que as justas em honra das quatro francezas foram da invenção de Moraes, nascidas de uma das suas proprias aventuras, e não *achadas na chronica geral dos feitos antigos e obras notaveis dos francezes*; estabelecido que o episodio de Miraguarda, intimamente connexo com a acção, parto foi

da sua phantasia, e bem assim quanto se refere ao castello de Almourol, ao de Cardiga, á villa de Tancos, Thomar e outros logares da guerreira Lusitania; estabelecido emfim que elle dedicou a obra uns tres ou quatro annos antes de apparecer a de Hurtado, a consequencia logica é: Francisco de Moraes foi quem originalmente compoz o Palmeirim de Inglaterra.

Não negarei que elle se ajudasse dos papeis de Albert de Rennes, ou das chronicas de Joannes d'Esbrec, Jaymes Bint e Anrico Frusto, a quem qualifica de authenticos escriptores; com quanto nomes taes não se encontrem em nenhum catalogo, em nenhum diccionario historico, nem haja em França noticia alguma d'elles. Creio mesmo que tantos casos, tantas e tão variadas pelejas, duellos, torneios, justas, festas, exequias, pinturas, descripções, caracteres diversissimos, encantamentos e desencantamentos, maravilhoso tão bem imaginado; creio sim que tudo isto, n'uma ordem admiravel, n'um estylo delicioso, não podia ser creado em tres para quatro annos. E' já pasmoso que Moraes, bebendo aqui e ali as inspirações, de seu phantasiasse outros successos e dos mais bellos, misturando sempre com arte, por não desmentir a qualidade de escriptor das Hespanhas, as cousas da sua propria terra.

Quem recusasse a Moraes o titulo de original, por se ter aproveitado de pensamentos alheios, recusal-o-hia a Lucrecio, que adoptou os de Epicuro; a Virgilio, que se serviu de Platão, de Pithagoras, de Ennio e dos historiadores da velha Roma; a Camões, que se modelou por Castanheda e Barros nas suas narrações; ao nosso contemporaneo Garrett ha pouco fallecido, o qual na sua *Aduzinda* com tanto engenho renovou a *xacara da Silvana*, a cuja cantilena fomos embalados e adormentados nós os Brazileiros e Portuguezes: da pecha não se livrariam Milton e Tasso, Ariosto nem Dante, Ovidio nem Homero. Só Deus é o creador: as segundas creações do homem, mais ou menos, são disfarçadas imitações ou accrescentamentos. Original é o autor que do já creado forma novas combinações; quem tudo imagine e invente, não o ha n'este mundo.

DIGRESSÃO.

E' de lastimar que Hespanhoes, cuja litteratura, abundantissima e toda patriotica, encerra immensas bellezas e rasgos tão sublimes, cuja poesia dramatica ministrou masculas idéas a Francezos da primeira plana; é de lastimar, digo, tenham a mania de mendigar obras estrangeiras para se ornarem, sem a menor precisão de alheios atavios. O padre Isla, por exemplo, verteu o *Gil Braz* de Lesage, e pretendeu provar, sem duvida com erudição, que o insigne romancista furtara um autographo hespanhol e o trasladara; sendo um dos seus argumentos não poder um Francez pintar com tanta verdade os costumes do reino visinho. Não seria pequena a lista dos estrangeiros que tem escripto sobre este ou aquelle paiz com mais individuação e melhor que os respectivos nacionaes. Nem Lesage pinta especialmente os costumes dos Hespanhoes: escolheu sim a Hespanha para o logar das mais das scenas do seu livro; mas os costumes propriamente ditos são do mundo inteiro, e as pinturas d'aquelle estremado philosopho moralista agradam igualmente ao Europeu, ao Americano, ao Asiatico e a todos os povos; o que lhe dará no futuro leitores, quando muitas celebridades actuaes terão desapparecido. — Não se póde bem conceber como um talento que em duas das suas comedias hombreou com Molière, como um homem de caracter nobre, que recusou lucrativos empregos para gozar da independencia, furtasse manuscriptos e mentisse descaradamente: em quanto senão encontrar um autographo hespanhol, os imparciaes dirão que o *Gil Braz* é de Lesage. O padre Isla, Faria e Sousa, quantos ennegrecem com tal nodoa a reputação de autores quaes Lesage e Diogo Bernardes, barateando a honra dos outros, podem fazer suspeitar da sua.

Alguns Francezes, a quem as razões em favor de Lesage parecem decisivas, admittem comtudo uma do padre Isla para esbulharem Vasco de Lobeira do seu *Amadis*; opinam que Lobeira, sendo Portuguez, não tivera escolhido o seu heroe na *Gaula*: por similhante raciocinio, o *Orlando* não é de Ariosto, nem o *Oberon* de Wieland, nem de Racine e Corneille todas as suas tragedias. Um dos engorladores da versão da obra, o conde de Tressan, escreve no discurso pre-

liminar: «Quelques savans attribuent la première invention de ce roman à Vasco de Lobeira, Portugais; mais nous croyons qu'ils lui font trop d'honneur.» Que estupendissimo e peremptorio argumento! Com elle, podem-se negar os descobrimentos dos maiores engenhos, podem-se derribar as reputações melhor assentadas. Não foi porém do toque desse mau traductor, nem de outros mais modernos, o erudito Mr. Bouillet, que no seu *Dictionaire Universel* imparcialmente restituiu a Lobeira o seu legitimo haver.

Mas cesse a digressão. Lesage, que teve um campeão insuperavel no fallecido François de Neufchâteau, que tem vivo um de válida e robusta lança na pessoa de Mr. Patin, cujo elogio ao grande romancista foi coroado pela Academia Franceza; Lesage não ha mister soccorro de mão estranha. Quanto a Lobeira, podia eu oppôr-me aos seus impugnadores, mostrando que o verbo *tresladar*, em que tambem se fundam, nem sempre significava *traduzir*; muitas vezes queria dizer *extrahir*; que Lobeira sim extrahiu o romance de velhos contos, mas d'elles compoz um todo; que os dois sonetos na lingua primeva portugueza em louvor do mesmo Lobeira, ou sejam de Antonio Ferreira, ou sejam de D. Diniz, (o que é melhor, porque o rei foi contemporaneo do romanceiro), provam ser a obra d'aquelle autor, pois Miguel Leite Ferreira, que publicou os *Poemas Lusitanos*, affirma que os taes sonetos foram escriptos no idioma do romance, e esse editor leu o original; que o conde de Tressan, asseverando ter visto o *Amadis* em lingua parecida ao limosim para adjudical-o aos Francezes, fez um argumento *contra producentem*; que o limosim então se approximava da lingua fallada em Aragão, na Galliza e em Portugal, escrevendo portanto Lobeira na vulgar do seu paiz; que o portuguez de hoje é o mesmo gallego polido, principalmente no seculo de D. Manuel e D. João III. Mas, além de que esta materia me afastaria do que me propuz n'este opusculo, consta-me que foi já victoriosamente ventilada por um escriptor de Portugal.

SEGUNDA PARTE.

Ter-se-ha observado que intitulo poema o Palmeirim de Inglaterra: como tal o considero. Posto que, amigo dos bons versos, reconheça a difficuldade immensa de os bem tecer, não os julgo essenciaes á poesia; com quanto confesse que animam e realçam o pensamento, e que se privaram de um auxilio poderoso os que d'elles prescindiram. Mais poeta é Chateaubriand que o commum dos metrificadores, mais até que muitos que tem obtido justos applausos: a sua epopea é só comparavel ás de primeira ordem. A poesia essencialmente requer uma vigorosa phantasia, um pincel apto para copiar as maravilhas da natureza, o profundo conhecimento dos affectos e das paixões, variedade, estylo harmonioso e pittoresco, adequado ao sujeito; requer uma força de razão, um methodo perfeito, na marcha da epopea e da tragedia, e uma completa experiencia da sociedade e dos costumes, nas scenas comicas.

Se Moraes, em vez de citar os livros de que extrahiu ou finge extrahida a sua fabula, dissera que ia cantar os seus cavalleiros e invocara as Musas, ou cousa que as valha, ninguem duvidaria de que o d'elle fosse um poema, como já se não duvida de que o sejam os *Martyres*, o *Telemaco*, e mais alguns. E leva o Palmeirim, não ao de Chateaubriand, mas aos outros e á chusma dos compostos em verso, a vantagem de ostentar pinturas mais vivas e energicas, imaginação e magnificencia mais sustentadas. Embora se lhe anteponha o Telemaco pelo fim moral e toques sensiveis e pela correcção do estylo, vence-o o Palmeirim no vigor da phantasia, na variedade, no interesse da acção e no maravilhoso.

PLANO E DESFECHO DO POEMA.

D. Duardos de Inglaterra, entrando n'uma floresta encantada por Eutropa, ficou preso no castello do sobrinho da fada, o qual n'aquelle principe tentou vingar antigos aggravos de familia; e, na ausencia de D. Duardos, sua mulher Flerida pariu uns gemeos: ao que nasceu primeiro baptisou com o nome de seu avô Palmeirim, imperador de Constantinopla; ao segundo, com o de Floriano do Deserto. Foram os meninos roubados por um selvagem, cuja mulher os criou com o seu proprio filho Selviã. A nova da perda de D. Duardos alvorotou os animos; em sua demanda partiram Primalião de Constantinopla, Arnedos rei de França, Recindos rei de Hespanha, Belagriz sultão de Niquea, Vernao de Allemanha e outros muitos cavalleiros. Nenhum conseguiu libertar o preso do poder de Dramusiando, senhor do castello, e todos lhe fizeram companhia na prisão.

Entretanto, cresciam os gemeos e se roboravam nos mais duros exercicios. Floriano, indo caçar com dois leões pela trela, extraviou-se na selva e deu comsigo na côrte de Inglaterra, onde serviu desconhecido a sua propria mãe Flerida. E Palmeirim, andando a espairecer ao longo da praia com saudades e magoa do apartamento do irmão, embarcou n'uma galé que alli abordara, persuadindo a Selviã seu collaço a acompanhal-o: este foi ao depois o seu fidelissimo escudeiro. Chegando a Constantinopla tambem desconhecido, apresentou-se ao imperador, que o mandou servir a Polinarda sua neta, filha de Primalião e de Gridonia. Armados cavalleiros os dois, um em Londres, o outro na Grecia pelo seu proprio avô, começaram a correr as aventuras; o que é de rigor nos livros de cavallaria. Palmeirim, namorando-se da princeza a quem servia, saíu para se tornar digno d'ella; que, apezar do amor que tinha ao cavalleiro, se lhe esquivava, porque não se lhe sabia a geração.

Apos improficuas pelejas e tentativas, apoderou-se Dramusiando de todos os contendores, mesmo de Deserto, o qual, bem que mais valente, como já tivesse derribado a todos e entre elles a dois gigantes, não poude ganhar a victoria ao derradeiro, isto é, ao dono do castello; caindo ambos dessangrados, foi Deserto mettido no conto dos outros. Era Pal-

meirim o destinado a libertar seu pae e os demais christãos. A esse tempo não constava de quem fossem nascidos os gemeos: ao depois Daliarte, filho natural de D. Duardos, magico o mais sabio, foi que declarou a origem de seus irmãos paternos.

Poupado o vencido pelo vencedor, a rogos dos cavalleiros com quem Dramusiando se portara generoso, de inimigo tornou-se o gigante o mais fiel amigo dos christãos, entrando no gremio do catholicismo. Desencantou-se o castello, o que dependia de ser o dono derribado por alguem. E o nosso autor, que tinha a peito assignalar os mais extrenuos, para interessarem quando os mostrasse na acção principal, imaginou tantos casos e maravilhas que, descontado o que podera achar nas velhas chronicas, no meu conceito é um dos engenhos que mais se approximaram de Homero no phantasiar: digo no phantasiar, não em outros predicados admiraveis do cantor da Grecia; que foi o geographo, o historiador, o theologo e o philosopho, d'aquelles tempos remotos.

Espalharam-se os cavalleiros em busca de aventuras, que são de assombrosa variedade; os mais valentes foram-se a Portugal, onde havia a contenda mais celebre depois da do castello de Dramusiando. Alli Florendos venceu a Almourol guardador de Miraguarda, gigante que já tinha vencido a muitos campeões; e namorado o principe d'aquella dama, em seu nome triumphou dos bravissimos Tenebror, Luyman de Borgonha, Belcar, D. Rosuel, Temorão, Goarim, Frisol, Graciano, Blandidom, Franciã, Floramã, Beroldo, Onistaldo, e Pompides; mas, travando-se com Floriano, foi duvidosa a vantagem; e se Daliarte não declarasse que o defensor do vulto de Miraguarda era seu primo Florendos, certo fôra este derribado. Porém Moraes, para nunca desluzir a sua Portugueza, escogita sempre um meio de se não render o que tem de conseguir a mão da formosissima dama: assim o fez outra vez que, pelejando Florendos com Palmeirim, interrompeu-os o escuro da noite; e, quando iam continuar sem se conhecerem, cessou o combate por ordem da voluntaria Miraguarda, que mandou saír do castello o seu campeão por não ter logo derribado a Palmeirim, intimando-lhe que durante um anno deixasse de vestir armas. — No exilio, encontrou-se Florendos com Floramã, que n'um valle delicioso de Portugal vivia como pastor, desgostoso de ser vencido

em Constantinopla, e ahi travaram uma intimidade que durou sempre. Esta passagem, imitada de Virgilio, não foi inutil ao Tasso no episodio de Herminia, onde o Italiano primou e muito excedeu ao Portuguez no delicado e no mavioso.

A fama de Miraguarda feriu nos ouvidos a Targiana, herdeira do throno da Turquia, cujo servidor era Albayzar de Babylonia; ordenou-lhe a dama que viesse a Portugal fazer confessar a todos que ella em formosura se avantajava á dona do castello. Alli Albayzar, doente o guardador Almourol, ausente Florendos a cumprir o mando imperioso de sua senhora, bateu-se com Dramusiando, a esse tempo campeão de Miraguarda; mas, interrompida a contenda pela noite, receiando a valentia do antagonista, ou querendo a todo o preço offerecer a Targiana o escudo, furtou-o e desappareceu. Dramusiando se lhe poz logo na pista; Miraguarda, frouxa, um pouco a sua fereza, lembrou-se de Florendos. Armello, escudeiro d'este, foi encontral-o na ribeira do Tejo: contou-lhe como Dramusiando guardava o castello: como certo cavalleiro, com quem pelejara, furtou-lhe o escudo; como emfim Miraguarda só d'elle Florendos esperava a restituição do seu vulto. O principe, em cata de Albayzar immediatamente, achou-se em grandes perigos e fez grandes proezas.

N'uma das suas innumeraveis caravanas, entrado Floriano em uma fusta, foi n'ella accommettido por Auderramete, irmão natural de Albayzar e capitão de quatro galés: Auderramete prendeu os da fusta e seguiu viagem para a sua terra. Ahi Floriano, ainda não tendo uma senhora particular, amante vago de todas as bellas, excitou uma viva paixão em Targiana, batalhou em seu nome, e foi o Paris d'esta Helena trazendo-a para Constantinopla, onde o pobre Albayzar estava mettido em façanhas por amor d'ella. O Gran-Turco mandou reclamar a pessoa de Floriano: o imperador não o consentiu; enviou comtudo a princeza Targiana a seu pae, acompanhada de el-rei Polendos e muitos cavalleiros. O Gran-Turco atraiçoadamente os prendeu, com o intento de os não soltar antes da entrega do desencaminhador de sua filha. Sendo este o nó do poema, d aqui em diante vae crescendo o interesse até o desfecho.

Estando Albayzar em Constantinopla combatendo pela sua ingrata e prostrando quantos se lhe oppunham, eil-a em

companhia de Floriano quasi ao momento em que o cavalleiro das Armas Negras, ou Florendos, afinal tomou-lhe o escudo e o mandou apresentar-se a Miraguarda. Esta o remetteu á côrte de Hespanha, onde permanecesse prisioneiro, em quanto o fossem na Turquia os cavalleiros christãos; pois Albayzar só foi ter ao castello de Miraguarda quando Targiana, que assistiu á pendencia d'elle com Florendos, já tinha partido, e já se sabia da traição feita aos que a foram acompanhar.

Restituidos os christãos, entrando Albayzar na Turquia, declarou-se a guerra: foi elle o generalissimo dos seus; Primalião o dos contrarios. Desata-se o poema na segunda batalha campal, onde foi morto Albayzar por Floriano do Deserto, onde acabaram numerosos bravos de parte a parte, e se o campo ficou pelos christãos, carissimo custou a victoria. Homero desatou a Iliada pelo duello de Achilles e Heitor; a Odysséa, pela matança que nos pretendentes fez Ullysses. Virgilio desatou a Eneida pelo duello de Enéas e Turno. Ariosto desatou o seu Orlando pelo duello de Ruggiero e Rodomonte. Francisco de Moraes trilhou novo caminho, rematando com uma batalha campal. — Daliarte, que no fim toma o primeiro logar e provê a tudo, recolhe os feridos e leva os cadaveres para a Ilha Perigosa, aonde se foram tambem os vivos; a saber, não só as damas, como Primalião, D. Duardos, Palmeirim, Floriano, Dramusiando, Florendos, Floramã, Platir e outros. Lá conservou-se aquella gente, até que partiram para seus reinos e senhorios, menos as viuvas, as quaes ficaram chorando seus maridos alli sepultados: uma só tornou ao seu governo, Arnalta de Navarra, cujo tenro filho necessitava da presença e do auxilio materno.

Daliarte saía ás vezes da ilha e sempre a encantava, isto é, a escondia a todos os olhos: por ultimo, tendo já partido os reis, principes e cavalleiros, para seus respectivos paizes, foi assassinado o magico; e, como não a tivesse desencantado, ainda hoje é desconhecida a Ilha Perigosa ou Encoberta. Assim fecha-se a obra com um traço digno da creadora imaginação de Francisco de Moraes.

Antes dos episodios e do mais de que se compõe o poema, fallarei das principaes personagens, com a possivel brevidade.

AS DAMAS.

As mais notaveis, exceptuadas as feiticeiras, são Flerida, Gridonia, Paudricia, Miraguarda, Polinarda, Lionarda, Targiana, Arnalta e Arlança. — Nas primeiras duas representa-se a ternura maternal, que, principalmente em Flerida, pinta-se com vivissimas côres. — Paudricia é um bello exemplo de resignação e constancia n'um desgraçado amor. — Miraguarda é altiva, nobre, voluntaria e senhora de si. — Polinarda, amorosa, mas comedida, sacrifica tudo ao seu dever, devora penas e ciumes, sem nunca faltar ao decoro. — Lionarda, honesta e boa, é uma d'aquellas princezas promptas a casar segundo a vontade dos seus e o interesse da corôa. — Targiana teve uma quebra na honra; mas cobriu o seu desar com o futuro procedimento, com a gratidão e fidelidade aos proprios inimigos. — Arnalta é vaidosa, inconstante, deshonesta e desinvolta. — Arlança, moça agigantada e nascida de má raça, tornou-se digna de ser mulher de Dramusiando pelo favor e ajuda que deu aos christãos, quando Alfernao quiz arruinar o cavalleiro do Selvagem. — Seria prolixo nomear as outras que figuram no poema.

O IMPERADOR PALMEIRIM DE CONSTANTINOPLA.

Este, por ser ancião e avô dos principes mais esforçados, é a quem se consagra o maximo respeito. Velho e quasi decrepito, ainda mostrou firmeza em recusar ao Turco a entrega de Floriano, em rejeitar os casamentos que os potentados musulmanos lhe propozeram, de Polinarda com o sultão da Persia, de Florendos com Armenia irmã do sultão. Seu caracter dominante é o da boa fé e generosidade; o que patenteia pela maneira irrevogavel de tratar os proprios inimigos, especialmente na occasião em que, pedindo-lhe Primalião que se apoderasse de Albayzar em represalia dos retidos na Turquia, assim o impugnou: « Filho, se, além de ver Polendos e Belcar e todos essoutros cavalleiros presos, te vira tambem a ti, nã crêas que com cautelas fóra do meu costume trabalhara de vos soltar, ainda que todalas outras

esperanças de remedio tivesse perdidas. Antes consentiria ver-vos morrer juntamente na prisão que usar de cousas deshonestas a mi: essa differença quero que haja de mi ao Turco; que é a propia que ha d'antre os bons aos maos. Albayzar não tem culpa dos erros do Turco; por isso não seria razão pagar os males que essoutro faz. » — Outros predicados do seu nobre natural são a delicadeza, cortezia e decoro, em que nunca se desmente. — Morreu de magoa e annos, antes de se decidir a victoria.

PRIMALIÃO.

Era o pae de Florendos, Platir e Polinarda. Cauteloso e conhecedor da arte militar, foi escolhido pelo imperador como generalissimo. Esteve na prisão de Dramusiando, sendo o primeiro dos que alli se acharam em soccorro de D. Duardos. Combateu-se com o seu Florendos para o experimentar, e não levou a melhor. Brilhou no commando e mostrou uma firmeza imperturbavel, já provando a sua pericia como general, já pelejando como simples cavalleiro.

D. DUARDOS.

O pae do grande Palmeirim foi pelo sogro nomeado chefe do campo todo; ficando porém a Primalião o mando inteiro do campo e da cidade, e d'esta a guarda aos cuidados particulares do imperador Vernao de Allemanha e d'el-rei Polendos de Thessalia. Bateu-se com os seus Floriano e Palmeirim no castello de Eutropa, sendo vencido por um e outro. — Na primeira batalha campal, depois da missa, repartiu a cavallaria em seis esquadrões: um, ao mando do sultão Belagriz; o segundo, ao de Recindos; o terceiro, ao de Arnedos; o quarto, ao de Polendos; o quinto, ao de Vernau; o sexto ficou debaixo das suas proprias ordens. — Primalião, desejoso de andar solto no campo e de o visitar, engeitou n'aquelle dia qualquer governança especial, pondo-se no rol dos aventureiros; que eram, além de outros menos afamados, Belcar, Drapos, Mayortes, Palmeirim, Floriano,

Platir, Florendos, Blandidom, Beroldo, Floramã, Graciano, D. Rosuel, Belisarte, Onistaldo, Tenebror, Franciã, Pompides, Estrelante, Albaniz, Daliarte, Roramonte, Dragonalte, Luyman de Borgonha, Germã d'Orleans, Tremorão, Rosirão de la Brunda, Dramusiando e Almourol.

O CAVALLEIRO DA FORTUNA, OU DO TIGRE, OU DO DRAGÃO.

E' este Palmeirim, o gabadissimo do poema e o mais perfeito: valente por cima do mesmo Floriano, constante e virtuoso nos amores, nenhuma pecha ou fraqueza tinha. Apaixonou-se por sua prima Polinarda, e crendo-se de inferior condição, escapou-se, para com o esforço e coragem merecer a sua mão. Numerar todos os seus feitos de armas era um não acabar; só apontarei os mais assignalados.

O primeiro é ter quasi vencido, sem se conhecerem, a seu irmão Deserto ou cavalleiro do Selvagem; mas no ponto extremo, ignorando ser de ambos a mãe, Flerida, com dó como se fosse do seu sangue, os veio apartar. O segundo é o livramento de seu pae das prisões de Dramusiando e Eutropa. O terceiro é a morte do gigante Bracanor e dez cavalleiros; vindo porém em auxilio dos onze Astipardo sobrinho do gigante com outros dez de refresco, acertou de passar por alli Albayzar, que remetteu contra elles e ajudou a Palmeirim; pelo que Moraes, na ultima batalha campal, faz morrer o general dos Turcos ás mãos de outrem que não d'este heroe.

E' pasmoso o ter derribado de um só encontro ao gigante Albarroco. Ganhou a Ilha Encoberta ou Perigosa, ao depois sepultura dos principes. Matou o gigante Pavoroso e conquistou a Ilha Profunda. Matou o gigante Vascoliom, soccorrendo a cinco dos seus amigos e libertando a uma donzella. Nas duas grandes batalhas, elle sobre todos, Floriano com imperceptivel differença, Dramusiando e Florendos, foram os que mais se distinguiram da parte dos christãos, superiores os quatro a Albayzar. — Tornaremos a Palmeirim nos episodios e encantos.

FLORIANO, OU O CAVALLEIRO DO SELVAGEM, OU O DAS DONZELLAS.

Na pintura d'esta personagem, que offerece aventuras as mais variadas, descobre o maior talento Francisco de Moraes. Quasi tão valente como Palmeirim, possuia a mesma coragem e ardor, a mesma nobreza de sentimentos; mas, inconstante e voluvel, entregava-se a todas as mulheres que o consentiam, aborrecendo-se d'ellas facilmente: preso comtudo de amor e casado com a rainha da Thracia, aquietou-se e converteu-se á razão. No castello de Dramusiando, derribou a Recindos, Arnedos, Primalião, encontrou-se lança a lança com seu mesmo pae, prostrou Pandaro e Daliagão; mas, como Dramusiando o achasse cansado, ficou a victoria indecisa; o que provou que sua valentia era maior que a d'este gigante. Com elle bateu-se outra vez; mas, sendo já muito amigos, ao conhecerem-se não foram por diante.

Na Turquia, d'onde comsigo trouxe a princeza Targiana, causa da guerra, venceu a Auderramete, irmão natural de Albayzar. De volta, matou em Constantinopla o gigante Albuzarco. Matou, além de outros, o gigante Bracolão, libertando a uma donzella; de quem alcançou pagar-lhe o serviço á custa da honra. Em seguida, matou a Baleato irmão de Bracolão. Do castello de Calfurnio, a quem matou e de quem libertou varias senhoras, trouxe a giganta Arlança, e respeitou-a, contra o seu costume, porque a destinava para mulher de seu amigo Dramusiando: com Arlança vieram outras donzellas, e com todas entrou em Toledo, que diz o autor então chamava-se Brusia. Ahi prostrou a cinco bravos cavalleiros, venceu a Albayzar e ordenou-lhe que se apresentasse á rainha da Thracia, com quem estava desposado o vencedor. Indo-se de Toledo, no caminho libertou a uma donzella a quem dois cavalleiros queriam forçar, e ordenou-lhes que fossem á côrte de Hespanha apresentar-se ás damas da rainha, e jurassem não vestir mais armas sem licença d'ellas. Derribou em Navarra a Dragonalte; mas casou-o com Arnalta, uma das muitas com quem satisfez desejos, a qual acceitou um marido da mão do amante.

No castello de Miraguarda justou com Florendos, mas não quiz entrar com elle em batalha de espada, para não causar a seu primo um desar ante aquella dama tão rigo-

rosa; derribou Almourol, matou a um e deixou por morto a outro de dois cavalleiros que, vendo Florendos entretido em curar as feridas de Almourol, tentaram furtar o escudo de Miraguarda. Na ultima batalha campal foi quem matou a Albayzar; não coube este feito a Palmeirim, porque era obrigado ao sultão, e preferiu derribar morto ao da Persia, que ousara appetecer e levantar olhos para sua senhora Polinarda.

DRAMUSIANDO.

Sendo mortos pelo gigante Farnaque todos os cavalleiros que, sem armas, acompanhavam a uma festa a princeza Agriola, Trineu de Allemanha e Palmeirim de Oliva, o avô do heroe principal, vingaram-se no gigante e recobraram a princeza. Eutropa, irmã do morto, criou-lhe o orphão e jurou despicar-se: fez um castello, encantou-o, mettendo-se n'elle com toda a familia. Armado cavalleiro o sobrinho, quiz logo satisfazer-se nos matadores do pae; mas a fada o impediu, machinando que alli viesse em quem fartasse o rancor. Veio com effeito D. Duardos, genro de Palmeirim de Oliva; que, adormecendo na floresta, Eutropa lhe tirou a espada, e quando elle acordou, estava preso, como já disse. Dramusiando generosamente o tratou, bem assim a todos os cavalleiros christãos; pelo que, depois de vencido e de desencantado o seu castello em razão da victoria do heroe, pouparam-no os vencedores e tornaram-se muito seus amigos, principalmente Floriano e Palmeirim. Todavia Eutropa em uma nuvem desappareceu, indo-se aonde podesse empecer os christãos. Assim, esta aventura, cheia de bellissimos incidentes, fecha a primeira parte do poema.

Dramusiando, gigante sim, mas não em demasia corpulento, em esforço apenas cedia aos dois maiores cavalleiros; constante e virtuoso nos amores, como o seu vencedor e Florendos e Floramã, bravo e leal, é dos melhores caracteres que traçou Moraes. Esteve a ponto de vencer a Florendos, sem se conhecerem; foi o duello apartado por Palmeirim. Elle, o mesmo Palmeirim e Floriano, pelejaram com os gigantes Barrocante, Albuzarco e Albarroco; e como Palmeirim, tendo já dado cabo de Albarroco, viesse ajudal-o contra Barrocante, recebeu Dramusiando o golpe e recusou

o auxilio, e posto que tal golpe fosse o mais formidavel e lhe fizesse perder muito sangue, obteve derribar o contendor, que era o mais valente dos tres inimigos.

Duas vezes pelejou com Floriano; de ambas, indecisa a victoria, ficou sempre a melhoria com Floriano, bem que não claramente. Mas no desembarque dos Turcos em Constantinopla foi quem mais se distinguiu, entrando pelo mar com escudo e armas para combater com um gigante, a quem veio a matar, com quanto saisse tão quebrantado que por alguns dias não poude entrar em conflicto. No ultimo encontro com Framustante, em lucta encarniçada, afinal deu cabo d'este gigante formidavel. O seu concurso e denodo foram os mais estremados, excepto os de Floriano e de Palmeirim.

FLORENDOS, O CAVALLEIRO TRISTE OU DAS ARMAS NEGRAS.

Era na valentia o quarto; na pureza dos amores igualava ao primeiro. Não se achou na aventura de D. Duardos, porque, entretido em defender o escudo do vulto de Miraguarda, ao chegar ao castello de Dramusiando, achou a empreza concluida. No de Almourol, venceu a muitos em nome de sua senhora; mas, não podendo com Palmeirim, a altiva Portugueza o mandou sair; então, como Floramã, se fez pastor, segundo acima se refere. Em Hespanha executou grandes proezas. Libertou a uma donzella no castello de Astribor, acabando a este gigante e os seus apaniguados. No de Arnalta, venceu-lhe os cavalleiros e soltou muitos dos seus amigos; ahi resistiu aos deshonestos desejos da rainha por amor de Miraguarda.

Na batalha de doze por doze, antes da primeira campal, escolheu-o Floriano por companheiro, immediato a Palmeirim; e então apparecem os mais esforçados de parte a parte. Prostrou de um encontro ao rei de Armenia; fez maravilhas ao lado de seu pae; derribou o gigante Pandolfo; com seu irmão Platir, cercados ambos de inimigos, matou o gigante Pasistrato. Foi, n'uma palavra, dos que mais concorreram para ficar o campo em poder dos christãos.

ALBAYZAR.

E' este o mais distincto inimigo, e em valentia fica entre Florendos e Floramã. Já contei como furtou o escudo de Miraguarda, como ajudou a Palmeirim, como foi vencido por Florendos, como esteve preso em Hespanha, como soltou-se em troca de Polendos e outros cavalleiros. Filho do sultão Olorique de Babylonia, por morte do primogenito herdou o imperio; ajuntou-o com o da Turquia, em cujo throno sentou-se casando com a herdeira Targiana. Para vingar o desacato de Floriano, corruptor d'esta princeza, declarou guerra aos christãos, sendo n'ella o general em chefe. A causa da guerra é similhante á da Iliada: Homero faz perecer a nação a que pertencia o roubador de Helena, e Francisco de Moraes faz morrer Albayzar ás mãos do proprio que lhe viciou a promettida esposa; o que põe a moral do poema antigo acima da do *Palmeirim*. Mas, segundo o discorrer da idade media e ainda n'esta nossa gabada de polida, um christão sempre tem razão contra os infieis, salvo se a cousa desarranja a outro christão mais poderoso; e tambem as maximas politicas adoptadas entre as nações da Europa, são totalmente mudadas a respeito das nações da Africa e da Asia, e mesmo das nações da nossa America, á excepção dos Estados-Unidos do Norte, que tem muitos navios que se podem armar. — Gosto ás vezes de digressões; perdoem-me os leitores.

O infiel sustentou umas justas em Constantinopla, em nome de Targiana, contra Floramã, Tragonel, Esmeraldo, Luyman de Borgonha, Blandidom, Pompides e outros, até que o venceu Florendos. Foi da batalha dos doze por doze; atacou Constantinopla com todo o seu poder. Posto que esforçado, não era escrupuloso em materias de honra; o que o torna digno do seu fim, bem que tivesse motivo razoavel para ser contra os christãos: Moraes comtudo teve a arte de diminuir a força d'esse motivo.

FLORAMÃ, O CAVALLEIRO DA MORTE.

E' dos mais bellos caracteres do poema. Tendo seu pai feito envenenar a Altéa, com quem elle desejava casar, andava com os ossos d'ella, até que por traça do dito seu pae lhe foram roubados; e sustentou em memoria da morta, a quem foi sempre fiel, umas justas em Constantinopla, derribando a insignes cavalleiros, até que o foi pelo da Fortuna; do que desgostoso, partiu e se fez pastor. Foi um dos escolhidos para entrar na batalha dos doze por doze. E na segunda campal, como fosse rei de Cerdenha, commandou uma das capitanias em que se dividiu o exercito. — Omitto algumas cousas em que já toquei, ao fallar de outras personagens.

OS MAGICOS E AS FADAS.

Dos magicos o principal é Daliarte do Valle Escuro, bastardo de D. Duardos, meio irmão de Palmeirim e Floriano, e inteiro de Pompides, esforçado cavalleiro que o mesmo D. Duardos houve da filha de uma fada: é como o genio que vela sobre a familia de Palmeirim, e quem desmancha as manobras dos magicos inimigos.

Sardamante é o encantador da copa, que ministra uma das mais engenhosas aventuras; da qual ao diante faremos um resumo.

Alfernao era um magico menor, que, a pedido de Colambrar a quem Floriano matara os filhos gigantes, atraiçoadamente o colheu ás mãos; e foi então que Arlança valeu ao cavalleiro, de quem ella ao depois recebeu grandes mercês.

Além de Urganda, celeberrima no *Amadis de Gaula* (não entra nas fabulas do *Palmeirim*, mas d'ella e suas maravilhas trata o autor occasionalmente), a maior feiticeira é Eutropa; que, não só no castello do sobrinho e na Ilha Perigosa, mas excitando os christãos uns contra os outros, buscou a ruina da familia de Palmeirim. — E' notavel Drusia Velona, por cuja arte foi transportada n'uma nuvem Lionarda, já mulher de Floriano, e levada por dois grifos a uma serra,

onde a sabedora Melia, infanta da Persia, fundara e encantara um castello. Moraes nutre a sua imaginação com as lembranças de outros livros, principalmente do *Amadis*, de quem tirou estas fadas, mas de um modo novo e seu.

OS EPISODIOS.

Seria necessario um bom volume para dar conta dos episodios; muitissimos são de tal merecimento, que é difficil escolher entre elles. Afóra os dos castellos de Dramusiando, de Miraguarda e o das Francezas, dos quaes dissemos bastante na exposição do plano e n'outros logares, fallaremos de alguns, não esquecendo os de encantamentos, onde se mostra riquissimo o engenho de Moraes.

A ILHA PERIGOSA.

Andando Palmeirim ao longo da costa, viu um batel grande sem gente e com dois remos. Apezar do seu escudeiro Selviã, metteu-se no batel, e depois de um dia e uma noite, foi levado a uma ilha fragosa toda coberta de espessos arvoredos. Subiu um estreito càminho por aspera e ingrime rocha, e descançando tres ou quatro vezes, achou-se n'um campo; ahi n'um padrão leu este letreiro: *Não passes mais ávante.* A rocha, de espantôsa altura, digamol-o com o autor, era « de pedra talhada tanto por ygual, que parecia mais obra composta por mãos de mestres excelentes, feita per compasso e medida, que nã da natureza. E inda que a ilha tivesse bem quatro legoas em torno, em toda ella nã havia outro porto onde podessem sayr nem desembarcar senã aquelle aonde a barca de Palmeirim veio ter. »

Tornou elle a subir por caminho mais largo até ao cimo da montanha; andou e revirou tudo, e a noite cerrou-se negra, ainda mais por causa da espessura dos bosques. Com o elmo á cabeceira, passou na relva até ao romper do dia, cuidando em sua senhora; e, corrida a ilha, chegou a um descampado com sua fonte de marmore no meio, cuja agua saía pelas bocas de animaes escultados, e tanta que fa-

zia um riacho: ao pé dois tigres e dois leões estavam em cadêas de metal, presas ao marmore, tão compridas que da fonte se podiam alargar tres braças. Quiz passar adiante; mas na pedrá da pia leu em letras vermelhas: *Esta he a fonte d'agoa desejada.* Rodeou, e outras letras diziam: *O que nesta pia beber todalas cousas de esforço acubará.* Mais ávante viu estoutras: *Passa, nã bebas.* — Em razão dos contradictorios letreiros, tentou Palmeirim recuar; mas, com vergonha de si mesmo, acommetteu a um dos tigres, acommetteu o outro e os dois leões, e depois de um combate cheio de incidentes, matou os animaes e bebeu da fonte.

Approximou-se de um castello bem torneado e gracioso, com alta cava d'agua e ponte levadiça. Em torno havia quatro padrões de jaspe e sobre cada padrão um escudo. Chegou-se ao primeiro, e leu em campo negro: *Nã me levará ninguem.* Pegou no escudo, mas saiu-lhe um homem corpulento e armado, a quem combateu e rendeu. Tomou-lhe o elmo, porque o seu fôra espedaçado por um dos leões, e deitou-se ao segundo escudo, onde achou em campo azul: *De maior perigo sou eu.* Saiu-lhe um cavalleiro de armas vermelhas, que foi logo morto aos golpes do heroe. Chegou-se ao terceiro escudo, onde em campo verde diziam umas letras azues: *Comigo se ganha a honra.* E terceiro campeão, com armas da côr do escudo, sustentou valentissimo um renhido combate, mas caíu aos pés de Palmeirim. No derradeiro, em campo de prata lia-se em letras de ouro: *Comigo está a victoria.* Tirou-o do padrão para ajudar-se d'elle, porque o outro já não prestava; veio-lhe ao encontro o quarto cavalleiro. O duello foi o mais aspero; teve Palmeirim muito que fazer, mas emfim deu cabo do formidavel contendor.

Acabadas as batalhas, pintadas com tanta eloquencia, entrou Palmeirim no castello. As casas e torres estavam sobre esteios de jaspe de altura de dez braças (aqui me sirvo quasi das palavras do autor), o pateo coberto de umas pedras de preço verdes e brancas, cortadas a igual compasso e medida, a modo de xadrez. No meio havia esguichos d'agua, saindo com tanta furia que subiam ao mais alto das casas, cujo madeiramento era de uma invenção nova e subtil. Palmeirim, depois de olhar tudo, por uma escada grande foi ter a uma sala tão artificialmente lavrada, que todas as outras cousas lhe pareceram pequenas em comparação d'ella. Esta-

va alli postado um gigante, espantoso e tamanho quanto nunca vira outro, com uma pesada maça de ferro ; o qual, vendo que o heroe queria entrar na sala, a esgrimiu com tanta continencia que bastara a pôr medo a qualquer outro. Palmeirim remetteu ao gigante, que, parecendo natural, era artificial e phantastico ; e, dando-lhe um golpe da espada, o fez vir á terra, como cousa morta e sem sentido que era.

Dentro já da sala, achou-se em ampla varanda com saída só para umas casas fronteiras ; e entre a varanda e as casas, por vão medonho e altissimo, derivava-se um rio d'agua negra e triste, sem outra passagem que uma trave estreitissima, tão gasta e podre que parecia não soffrer em si qualquer peso. Esteve confuso o bom cavalleiro ; mas, lembrando-lhe que seu avô de Constantinopla correra igual aventura, e que na determinação dos homens está o commetter os perigos, largou as armas, excepto a espada, receiando que o peso d'ellas fosse para mais seu damno ; e «*pondo o pé no pao e o coração em sua senhora*, ia firmando-se sobre a espada ; mas, quando chegou ao meio d'elle, começou de dobrar-se pera baixo e rachar-se per tantas partes, que Palmeirim se teve de todo por perdido.» Então invocou a formosura e o amor de Polinarda, e caminhou por aquella trave delgada como se fôra por uma ponte segura ; e ainda não estava de além, quando surgiu das casas uma velha muito idosa, descabellada e o rosto rasgado, clamando : « Que me presta meu saber, se por um só homem tantas vezes ha de ser destruido ? » E lançando mão de Palmeirim, após si o pretendeu precipitar n'aquelle profundo rio ; mas elle tanto se firmou nos pés, que a velha o não poude vencer.

Nas casas não achou mais que mulheres e gente de serviço ; depois de examinal-as, mandou chamar o cavalleiro com quem se bateu no começo. Este, de nome Satiafor, disse-lhe ser o castello o da Ilha Perigosa, obra que se reputava da sabedora Urganda ; que, morrendo ella, a deixou encantada, com estes paços e a fonte das alimarias ; que Eutropa, vencido o sobrinho, não podendo resolver o sultão de Babylonia a vir contra Constantinopla, desencantou a ilha e o castello ; que trouxe comsigo os tres a quem matou Palmeirim ; que estes eram parentes d'ella, e chamavam-se Titubante o Negro, Medrusão o Temido, Forbolando o Forte. Accrescentou que os cavalleiros de Eutropa tinham em prisão a dois que, tendo rendido a elle Satiafor e ao segundo e terceiro

campeões, afinal se renderam ao quarto. — Palmeirim desceu á prisão, onde encontrou carregados de ferros a dois amigos seus, Belisarte e German d'Orlians. E empossando-se do seu dominio, o encommendou a Satiafor, partindo com os dois amigos para outras aventuras; e o seu batel, sendo guiado por encantamento de Dallarte, o lançou em Portugal junto ao castello de Almourol.

A CAMARA DE URGANDA.

Tornando Palmeirim á sua conquista, examinou o jardim com Satiafor, Platir, Beroldo e Daliarte. A descripção do arvoredo e pomar, das fontes e do mais, como logo veremos, não deixa que desejar, tanto na magnificencia quanto na graça do estylo. Na seguinte manhã disse-lhe Satiafor: « No meio d'aquelle jardim, onde hontem passastes e eu visito cada dia, em lugar mais descoberto e desoccupado que todos, achei agora uma camara quadrada e grande, da mais singular obra e invenção que nunca vi; porque, inda que as outras obras d'esta casa sejam havidas por milagrosas, a meu juizo e parecer, está muito por cima d'ellas. Não pude entrar, que achei a porta occupada de dois gigantes temerosos que a guardam. Podeis ir vel-a, senhor, que, segundo suspeito, n'aquella casa deve estar algum thesouro, de muito tempo depositado para galardão dos outros trabalhos que n'esta terra passastes. » Fizeram tamanho alvoroço estas palavras em todos, que sem mais aguardar pediram armas e sairam ao jardim. O palacio, de marmore branco e finissimas esculturas, despedia do coruchéo uma haste de prata, na qual se engastava uma grimpa de materia incorruptivel: de uma banda se via o ceo estrellado com todos os planetas, representados conforme a opinião dos antigos; em cada canto da casa, uma arvore, iguaes em comprimento e grossura, altas como o coruchéo, e ricas vidraças pintadas com passos da historia.

Platir, com licença de Palmeirim, arrostou os guardadores, que levantaram as maças; quiz passar um peitoril baixo que havia na porta, um dos gigantes o agarrou, e lançando-o fóra, tornou a seu posto; corrido o cavalleiro, cerrou mais duas vezes, e aconteceu-lhe o mesmo. Então Beroldo experi-

mentou a sua fortuna, e não foi melhor que a de Platir. Impaciente o do Tigre, sem esperar por Daliarte, acommetteu, e teve igual exito: a differença foi que, para o lançarem do peitoril, uniram-se ambos os gigantes; porque uma imagem de ouro que estava sobre o arco da porta, a modo de velha em trajo antigo, lhes bradou que não deixassem violar o seu thesouro a homem indigno d'elle.

Descorçoado já, por testemunhar que a flor de todo o esforço desfallecera na ventura, todavia a tentou Daliarte; e, ao saltar sobre os degraus do peitoril, prostraram-se os gigantes, e a imagem, de uma boceta que tinha no regaço, tirou uma chave de ouro pequena, deixando-a cair por um cordão de seda preta, que o sabio Daliarte recebeu e abriu com ella a porta. Após entrando os outros, examinaram a camara. Continha uma bibliotheca immensa, cujas estantes de ouro assentavam em animaes e aves d'este metal, que pareciam respirar, e as guarnições dos livros do mesmo toque, eram cravadas de pedraria pelos cantos e pelas brochas. Em cerco da casa no alto das paredes, onde a livraria não chegava, imagens de vulto representavam as mais assignaladas formosuras, com roupas e côres tão novas como se foram d'aquelle dia, o trajo conforme á epoca, e as feições taes que não pareciam corpos sem vida. Os cavalleiros só n'aquelles vultos se entretinham, mórmente quando alli deram com alguns que traziam na vontade.

Em uma das quadras estava Urganda em sua mocidade, com um volume nas mãos, sentada em cadeira de ouro de singular artificio. A' dextra ficava-lhe a bella Oriana, filha de Lisuarte da Gran-Bretanha, com letras no regaço que declaravam seu nome, e assim as tinham todas; á esquerda, Briolanja rainha de Sobradissa, Leonorina princeza de Constantinopla, a infanta Melicia, Olinda, e mais ninguem. «Crê-se, diz o autor, que as outras que tiveram nome de formosas, como no livro d'elrey Amadis se conta, nã eram merecedoras daquella immortalidade.» — Em outra quadra, estava Iseo de la Brunda, Genebra mulher de Artus e amiga de Lançarote del Lago, a segunda Iseo das brancas mãos, com algumas que então concorreram na Gran-Bretanha; que a tenção de Urganda era deixar memoria das maravilhas d'aquella terra, por ser d'alli natural. — Na terceira quadra estavam das mais modernas: a imperatriz Polinarda, Agriola de Allemanha, Gridonia, Flerida, Francelina, tiradas segundo a idade em que

mais floreceram. E inda que todas d'esta quadra fossem por extremo formosas, Flerida parecia que levava o preço d'ellas. — Na ultima quadra estavam as que n'aquelles dias concorriam: Polinarda filha de Primalião, Miraguarda, Lionarda, Altéa, Sidela de Lacedemonia, Arnalta de Navarra; que « inda que suas obras nã fossem dinas daquella casa, o parecer o merecia. » No meio d'estas sobresahia Polinarda, que tambem n'esta quadra como que fazia inveja ás outras: « mas isto nã parecia assim a Florendos, se alli fora; e tivera rezão, que Miraguarda lá se lhe conhecia hũa mostra tam confiada que lhe parecia que lhe usurpavam seu logar.»

Corrida e examinada bem toda a casa, Palmeirim o conquistador da ilha, com approvação dos companheiros, a doou ao sabio Daliarte, que a acceitou por saber que n'ella ainda havia de fazer grandes serviços. Estes serviços entram na acção principal, como já o expozemos.

A COPA ENCANTADA.

Estando o imperador na Horta de Flerida depois do jantar, entrou uma donzella agigantada, feia mas graciosa: por cima de uma cota de setim branco e tela de ouro trazia marlota azul com barras tambem de ouro e de pedras preciosas; o primoroso bordado representava uma caçada de montaria e de volateria; na cabeça, lindo chapeo de guedelha azul airosamente inclinado á banda. Ella, de riquissima caixa que tomou a um dos seus escudeiros, tirou uma copa de composição que ninguem soube determinar, a qual se guarnecia de gemmas tão escuras, que nem se lhes distinguiu a qualidade; e alli declarou que, já cançada de correr as outras côrtes em busca de quem desencante a copa que tinha entre as mãos, esperava achal-o na do imperador Palmeirim, que era a mais assignalada; porém que, antes de provarem a aventura, cumpria que d'ella soubessem o mysterio.

Contou que, na Thracia reinando o grande magico Sardamante, sua bella filha Brandisia namorou-se de um vassalo de nome Artibel; que este ia conversal-a subindo á torre do castello; que certa noite, ao descer por uma corda, foi visto por Brandimar; o qual, irritado, pois tambem ardia pela princeza, bateu-se com Artibel; e que, ao ruido acodindo o

rei, Brandimar descobriu-lhe o caso e expirou das feridas. Sardamante alcançou por sua arte que a filha era prenhe; aguardou que parisse, e a Artibel arrancando o coração pelas costas, mettido n'aquella copa o mandou offerecer a Brandisia. Esta, preferindo lastimas e magoas, encheu de lagrimas a copa, e tirando o coração de dentro, ao pae a reenviou com as lagrimas, dizendo que fossem ellas o pago da sua crueza; que lhe ficava o coração de Artibel, para que na morte ambos tivessem a mesma conformidade que em vida; e vestindo-se de reaes atavios, como para uma festa, metteu no seio entre a carne e a camisa a reliquia do amante, e atirou-se da torre por onde elle sohia entrar.

O rei, sepultada a filha, deu á neta o nome de Lionarda, encerrou-a na mesma torre, onde a teve até quatro annos; ao depois, em valle para isso accommodado, fez um encantamento, e n'elle a deixou occulta: quem olhava de longe via umas torres e edificios grandes, que desappareciam de perto. « E tomando, ajuntou a donzella, a copa em que sua filha chorava, congelou as lagrimas dentro, da maneira que vêdes. Ao tempo da sua morte, porque o reino ficava sem herdeiro, mandou que fosse levada por todas as côrtes para a provarem os cavalleiros; e aquelle que fosse de tanta virtude, que tomando-a na mão a fizesse tornar em sua claridade e perfeição para nunca mais a perder, cressem que passava a todos os outros em valentia e amor, e que este desencantaria a Lionarda, e casasse com ella e fosse rei de Thracia. E sendo que o amor que tivesse antes lho empedisse, então Lionarda recebesse de sua mão o marido que lhe désse. »

Disse que, se algum fosse tão namorado que não devesse nada ao que desencantasse a copa, esse tomando-a nas mãos, a faria igualmente clara e conservaria as lagrimas desfeitas; mas que, passando-a a qualquer menos apaixonado, ella soffreria mudanças, pois o desencantal-a só pertencia a quem possuisse ao mesmo tempo o amor e a valentia no maximo grau; pelo que, ainda sendo especial cavalleiro, quem não fosse namorado podia tel-a sem mudança nenhuma. — Disse mais que, desencantada ella, servidor ou dama, que nas lagrimas se mirasse, n'estas veria a propria figura de quem amasse, alegre ou triste conforme tivesse o amor. — Disse finalmente que, depois de desencantada, se de novo a provassem, os mais desfavorecidos achariam n'ella ardor in-

soffrivel, segundo os quilates dos desfavores de cada um; e quem n'isto excedesse a todos faria produzir a copa accidentes muito maiores.

Ordenou o imperador que principiasse a aventura, e a rogos da donzella foi elle que a encetou; mas, como velho e frio, nada obteve, conservando-se a copa tal qual estava. O mesmo aconteceu aos veteranos Primalião, Vernao e Polendos. A Graciano porém, acceso no amor de Clarisia, a copa aclarou-se tanto que pensaram nada mais restar: comtudo, ao passal-a a seu irmão Guarim, escureceu-se como d'antes. Beroldo, extremoso para com Onistalda de Normandia, pondo os olhos n'ella e pegando na copa, esta se lhe tornou ainda mais clara, desfeitas um tanto as lagrimas. Conseguiu Platir muito menos que Beroldo; Belisarte, um pouco mais que Platir; Darmiante igualou a Belisarte; a Franciã escureceu-se totalmente a copa. Vieram outros, e os que mais honra ganharam foram Polinardo, Roramonte, German de Orlians; porém nenhum chegou ao principe Beroldo.— Alli não havendo mais cavalleiros, descontente a donzella de se não acabar a aventura, lembrou-se o imperador de Floramã, que debaixo de uma arvore derramava as suas magoas, e mandou-o chamar. Elle, encommendando-se á memoria de Altéa, pegou da copa, que tornou-se de côr tão viva, desfazendo-se as lagrimas, a ponto que todos, menos a donzella, tinham a aventura por concluida; porém nas mãos de D. Rosuel perdeu muito da viveza e claridade com que a deixara Floramã.

N'este passo, entrou pela Horta de Flerida um cavalleiro corpulento, com armas de verde e extremos de branco; só Primalião conheceu que era Dramusiando. Quiz beijar as mãos ao imperador, que lhas não deu e sobre modo o gazalhou. Feitos os comprimentos á imperatriz e ás damas, chegou-se a Polinarda, a quem via pela primeira vez; ficou sem saber julgar se ella ou se Miraguarda era mais para ser servida; e a duvida fel-o desmerecer na experiencia da copa: com effeito, provando-a, quasi igualou a Floramã; a quem talvez excedera, se á vista de Polinarda não mostrasse aquella indecisão.

Quando, um tanto já sãos das feridas que se deram entre si, Albayzar e Florendos estavam para tentar a aventura, appareceram mais dois cavalleiros, que se detiveram sem cortejar a ninguem, por não estorvarem a festa, visto que Albayzar ia tomar a copa. Este, pondo os olhos em sua se-

nhora Targiana, conseguiu tanto como o principe Floramã. O cavalleiro que trazia um dragão pintado no escudo e seu companheiro souberam do imperador o caso ; ambos se lhe ajoelharam e beijaram as mãos. N'isto levantou-se Florendos, e invocando a Miraguarda, obteve mais que todos, porque as lagrimas se desfizeram totalmente sem haver n'ellas macula alguma. Interrogada a donzella sobre a conclusão da aventura, respondeu que ás lagrimas ninguem podia dar maior perfeição ; porém que provassem outros, e se a copa não fizesse mudança, n'elle se encerrava o mais valente e namorado cavalleiro ; a fazer mudança na mão de outrem, seria signal de haver alguem mais estremado em armas ; que nos amores ninguem o podia superar.

Pediu o imperador aos desconhecidos que experimentassem. Um (conheceu-se depois ser Floriano do Deserto) invocando a Targiana, proferiu palavras amorosas ; mas, como não partiam do coração, a copa escureceu como nunca assim tinha sido. Então disse-lhe a donzella que, se em armas não valesse mais que nos amores, o aconselhava a deixal-as. Retorquiu elle que, se as mulheres dessem o galardão segundo o merecimento de quem as serve, muito lhe pezava o desastre ; mas que, sendo ao contrario, contentava-se com o amor que lhes tinha : réplica esta com que as damas nada folgaram. — Voltou-se a donzella para o ultimo ; este, que era Palmeirim, tomou a copa : ella ficou no estado perfeito em que estivera nas mãos de Florendos, que d'alli não podia passar. « Tornem outros, accrescentou a donzella, a experimentar ; se não houver quem, provem os que já provaram : todavia não consinta vossa alteza que este cavalleiro (aqui apontou para Floriano) seja um d'elles, porque, sendo mesmo a aventura acabada, o seu desamor é capaz de ennegrecer a copa, que tanto agora está clara. » Com este gracejo muito riram as damas e os circumstantes.

Acabada assim a aventura, a copa não fez mudança ao passar a outros cavalleiros. A imperatriz pegou-a, e viu n'ella o marido como se o tivesse face a face. Correu até chegar á infanta Polinarda, que nas lagrimas desfeitas divisou a Palmeirim atribulado, e temendo que outrem o observasse, do sobresalto a copa e os membros lhe tremeram, e depressa a transmittiu a uma dama, com medo de que lhe caisse das mãos. A' medida que a tomavam damas e servidores, via cada um o que tinha em quem amava ; e nos rostos ap-

parecia o prazer e o desprazer, segundo os quilates do amor ou do desamor. Palmeirim por seu turno distinguiu dentro a Polinarda com semblante sereno, onde nada se podia determinar. E Floriano emfim achou uma infinidade de mulheres descontentes, sendo as mais irosas Targiana e Arnalta. «Que vêdes lá, disse-lhe a donzella; achais por ventura a paga do merecimento de vossas obras?» Respondeu-lhe o cavalleiro: «Vejo que não me favoreceis jámais, ainda que vos servisse muito bem: creio entretanto que vós e as do vosso sexo de mim seriam melhor servidas que de outros que na copa fizeram melhores mostras.» A isto nada replicou a donzella.

Começou-se a prova dos desfavorecidos. O imperador e outros não sentiram mudança; mas D. Rosuel não poude suster a quentura da copa. Foi passando de mão em mão, até chegar a German de Orlians; tão asperamente o queimou, que nem um momento a soffreu, e a côr d'ella era de vivas brazas. Floriano e Albayzar não sentiram ardor nem differença. Ao cavalleiro do Dragão tornou-se tão roxa e fervente, que poz espanto a quem olhava; o ardor foi tamanho, que as entranhas parecia que se lhe assavam dentro no corpo. Depois de o lamentar, o imperador lhe tomou a copa, que subitamente perdeu o ardor.

Por ultimo, chegou a Florendos; e taes eram os desfavores de Miraguarda, que o fogo se levantou em chammas, os membros ardiam-lhe, e uma grave dôr intrinseca o atormentava: ninguem n'elle enxergava mais que a labareda, cujo ruido apressado e medonho mettia medo e compaixão. Da alma lhe saíam suspiros cansados por entre o rugido do fogo, em tom piedoso e triste, com que a sala tanto se commovia, que só n'ella soavam prantos e soluços. A imperatriz e Gridonia se quizeram intrometter n'aquelle perigo, e soltavam palavras magoadas contra Miraguarda; mas Florendos, na fragoa em que estava, não podia soffrer culpas a quem o matava. Sacou-lhe o imperador a copa, mas o fogo não parava; e a imperatriz e Gridonia quasi mortas, com as damas todas, erguiam choro tamanho, que os paços como que se assolavam.

Polendos foi-se á donzella da Thracia em busca de algum remedio, com quanto pensasse que Florendos estava já todo em cinzas. «Sou tão mofina, disse ella, que bradando que me ouçam, ninguem o quer fazer.» Socegado porém tu-

do, menos o fogo de Florendos, continuou assim: « Alto e invencivel imperador, a aventura d'esta copa é acabada, e o fogo de Florendos só póde ser apagado por virtude d'estas lagrimas, e por mão do cavalleiro que a desencantou: cumpre que esparza esta agua sobre as chammas, que ellas se acabarão; porque fogo gerado por mulher tão crua, podem-no extinguir unicamente lagrimas de mulher tão piedosa, como quem estas chorou.» O cavalleiro do Dragão, logo tomando a copa, a vasou sobre as labaredas; immediatamente se desfizeram, e posto que algum espaço Florendos parecesse morto, afinal tornou a si.

DESENCANTAMENTO DE LIONARDA PELO CAVALLEIRO DO DRAGÃO.

Tocava a Palmeirim desencantar a princeza; partiu pois com a donzella da Thracia. Avistando-se com Carmelia, avó de Lionarda, furtou-se aos comprimentos dos cortezãos, que, tendo-o por seu futuro monarcha, principiavam a adulal-o; mas, sendo a intenção do heroe manter-se fiel a Polinarda, os tratou como iguaes. Sem demora, em companhia de alguns senhores e do seu collaço e escudeiro, montou ao cimo de uma collina, em cujo valle de alegres arvoredos avistou umas torres e sumptuosos edificios, de coruchéos e varandas magnificas, de alvas columnas de marmore maravilhosamente obradas.

Quando em sitio assim aprasivel cuidava que a aventura não era de tanta monta como as por elle ganhadas, um cavalleiro autorisado por cãs e experiencia ponderou que não se fiasse nas mostras de fóra; que o negocio era serio, e se preparasse para estupendos e inauditos perigos. O heroe agradeceu-lhe os conselhos, promettendo lembrar-se d'elles, caso acabasse em bem aquelle acommettimento. Porém os demais, esperançados de futura privança, começaram a gabar-lhe o denodo, affirmando que para a sua pessoa era nada o que havia de passar. Palmeirim, despresando lisonjarias e vãs palavras, cavalgou e deitou-se pelo outeiro abaixo.

N'este passo, o ar de brilhante se converteu em cerração: os companheiros o perderam de vista, e não se enxergavam uns aos outros; os signaes temerosos foram a ponto

de caírem alguns dos cavallos quasi sem accordo; os demais, perdidas as estribeiras, se apegavam aos collos dos seus, e assim recolheram-se á cidade, rasgadas as roupas de se roçarem pelos matos, que nenhum se lembrava de si nem do caminho. Selviã, que ficara impedido no outeiro, ao ver e ouvir os trovões e terramotos, com a ancia de ajudar a seu senhor, a trote correu apos elle; mas, sem saber como, achou-se na cidade, a tempo que a nevoa começava a desfazer-se.

Palmeirim, transviado e mettido n'aquella negregura, nem sabia aonde guiasse, nem porque modo se defendesse de uma dôr secreta que parecia arrancar-lhe o coração. N'isto, uns corpos quasi invisiveis por força o tiraram da sella e o derribaram no chão; e, posto que sacasse da espada e ferisse a uma e outra parte, seus golpes não achavam em quem fazer damno. Quiz montar de novo a cavallo, e o seu estava mui lônge; de mais a mais, tomaram-lhe a espada e armas, do que entrou a cobrar algum receio. Cansado de bracejar com aquelles corpos sem almas, sentou-se indeciso; que, sendo cada vez maior a escuridade, nem podia ir por diante nem tornar atraz.

Conhecendo que taes cousas não tinham conselho, ergueu-se encommendando-se aos trabalhos que ordenasse a fortuna; e, desestimado qualquer acontecimento, ainda que fosse dar fim a seus dias, determinou vendel-os o mais caro, pois, esforçando-se quanto podesse, com a vida satisfaria o que se deve á honra. Pezava-lhe estar sem armas, temendo que a falta d'ellas o estorvasse na tenção; e mais o espantava ter-se-lhe a alma entristecido, de maneira que sentia os membros desamparados de quasi toda a sua virtude.

Pelo outeiro veio rolando uma vozeria lugubre, misturada com medonho estampido, que parecia fundir-se a terra; viu-se elle n'um ilhéo de negro pego em redor, que figurava rebentar do mais recondito fundo, e quem olhava a sua côr, desmaiado o coração, de todo esmorecia. No meio do ilhéo, ao pé de uma arvore mal assombrada, munido um cavalleiro das proprias armas de Palmeirim, gritou-lhe: «Com os fios d'esta tua espada eu desfarei esses ossos, e as tuas carnes serão o manjar das alimarias, e a gloria das tuas obras finar-se-ha, sem haver mais noticia d'ella.» Considerando o heroe que nos membros corporaes estava toda a sua defen-

sa, investiu; o feroz contrario de golpe levantado o recebeu. Subitamente os cobriu uma nevoa espessa como as passadas; mas Palmeirim por entre a escuridão levou nos braços o outro, que lhe enterrava a espada pelos peitos até á empunhadura, do que sentia tamanha dôr como se aquillo fôra verdade; mas, apezar da dôr, andou a braços com o phantasma, até que o prostou de cansado. Ao tempo que, tirando de si mesmo a espada, ia cortar a cabeça ao inimigo, esvaecida a nuvem, achou-se com todas as suas armas no campo, desapparecendo quem d'antes as trazia: vestido com ellas, se lhe dobrou a confiança.

Aclarado logo o dia, descobriu ao longe entre alegres arvoredos os edificios que avistara do outeiro. Como não era perito em nadar e só nadando podia passar o pego, receiou e reflectiu; pois, mesmo saltando ao pego de altura tão desmedida, carregado com o peso das armas, podia afogar-se, e a sair bem do salto, não tinha por onde subir á outra banda. Em tanto, n'agua divisou muitas alimarías enormes e espantosas, que o esperavam para lograr suas carnes, e sobre quaes seriam as primeiras contendiam entre si; de modo que, favorecendo-se umas a outras, representavam um desafio ou batalha de tantos por tantos. No conflicto muitas, ao morrerem, davam urros que na cidade soavam, como se fossem dentro n'ella; até que finalmente ficaram todos os contendores estirados no campo.

Acabada a peleja, Palmeirim rodeou a ilha em busca de alguma passagem, e onde faziam as aguas um remanso destinguiu um batel, cujos remeiros eram quatro onças de grandeza desmarcada, presas a umas cadêas grossas: o arraes á popa era um leão involto em sangue, como que se mantinha dos passageiros. Espantou-se de que um homem, da outra parte acenando que o passassem, se atrevesse a commetter similhante perigo: desamarrou-se o batel, e ainda o homem de todo não era dentro, quando o leão o despedaçou em suas unhas, tragou-lhe as carnes, e repartiu o corpo aos remeiros. Porém, vendo Palmeirim que na ilha morreria por não haver n'ella mantimento algum, depositou a esperança na fortaleza das armas; foi descer, não achou por onde senão por uma lage que ia até á borda d'agua, e tão lisa que nenhuma presa offerecia. Crendo que lançando-se por ella chegaria em pedaços, duvidou um pouco; mas, soccorrendo-se ao remedio ultimo, que era o encommendar-se

a Polinarda, animado caminhou pelo meio da lage; e, como taes medos só fossem apparencias, sem damno algum chegou abaixo. Os remeiros desamarraram o batel; elle, de escudo embraçado e o ferro em punho, ao metter-se dentro, ficou só no batel, evaporando-se os guardadores.

Tomou os remos e atravessou o rio. Quando pensava na altura da subida, ingreme e alcantilada, que por nenhum lado se podia trepar, dependuraram da rocha um cesto roto e velho por um cordão fraco e delgado, que mal sustinha o peso. Não havendo outro caminho, cogitou Palmeirim se deixaria as armas para ficar mais leve; mas, ao começar a despil-as, com tenção de só conservar a espada, reteve-se, porque poderia passar por onde lhe fossem necessarias. Então, com todo o arnez metteu-se no cesto, e sem ver quem tivera pelo cordel, foi levantado com tão quedo e vagaroso compasso, que a detença lhe augmentava o temor. Estando já em grande altura, sentiu o cesto se desfazer por alguns lugares, o cordel adelgaçar-se e destorcer-se em um fio estirado, apenas visivel. N'este medo e affronta, novamente invocou a Polinarda, e a fé no seu amor para com ella foi de tanto merecimento, que o alou e poz na borda do campo da batalha das alimarias; das quaes, assim como do pego, nem havia signal.

Gastou-se o dia: a Lua, cheia e em toda a sua força, appareceu com tão vivo resplendor, a modo que saía do seu natural; os rouxinoes e outros passarinhos começaram a festejar a noite, e ao som de seus cantos adormeceu Palmeirim ao pé de uma arvore. Acordou na alvorada com a musica d'aquellas aves, alegre para ouvir e saudosa para contemplar; mas, crescendo a claridade do sol que assomava, espalhando-se as aves para buscar seu mantimento, levantou-se o cavalleiro, e ao nascente viu as torres e edificios que do outeiro enxergara, bem como os arvoredos que o circumdavam; encaminhando-se ás casas, deu com o seu cavallo preso a um tronco, sellado e enfreiado da maneira que o perdera. N'elle seguiu sua via, e saíram-lhe dois enormes gigantes com armas as mais lustrosas. Remetteram contra elle, e Palmeirim os recebeu: um, apanhado pelo meio do escudo, esvaeceu-se em ar; o segundo, inda que o encontrasse rijo, nenhum damno lhe fez, e quando o heroe puxou da espada, sumiu-se-lhe de repente.

Palmeirim esporeou o cavallo para approximar-se de al-

guns homens que de uma torre iam levantando a ponte levadiça do fosso, e antes que o fizessem entrou por ella e pela porta, que não tiveram tempo de cerrar. Achou-se com os homens de volta, n'um pateo cercado de casaria nobre e muito para ver ; mas não lhe deram vagar dois gigantes, que o investiram de maças nas mãos. Saltou elle do cavallo e os acommetteu a pé ; tocados os gigantes pela sua lança, tambem se desvaneceram. Procurando caminho para os altos, por baixo de uns arcos descobriu uma portinhola, d'onde nascia uma escada a pino e estreita, pela qual apenas podia caber um homem, tão comprida que longo espaço gastar-se-hia em trepar. Andando por ella um pouco, as paredes das ilhargas se lhe começaram a tremer : ora afigurava-se-lhe cair a abobada e esmagal-o ; ora achava-se entalado, não podendo menear-se. Com trabalho excessivo chegou ao topo da escada, e alli deixou ella de tremer.

No cabo de um corredor extenso e largo, obrado por maravilha, dois grossos cadeados fechavam uma porta grande ; ao pé, desenrolada uma serpente enorme, além de occupar todo o portal, alongava-se muito pelo corredor. Fera e horrenda a catadura, sua composição creava temor em quem lhe punha os olhos ; sobretudo lá se lhe sentia uma viveza esperta que tirava a esperança de a levarem por manha, quando não a podessem conquistar por força. Tinha penduradas ao pescoço tantas chaves, quantas as fechaduras ; e, vendo Palmeirim que tão desconversavel porteiro não as daria a ninguem, remetteu para feril-o : a serpente empinou-se irosa e abrasada, expellindo chammas pela boca. Em tanta affronta, metteu-lhe a espada por uma das ventas, em demasia largas ; o monstro soprava por ellas tamanha quantia de fumo, que o ar congelou-se e ennegreceu a ponto de nada se enxergar : com a dôr da ferida soltando bramidos e urros, deitou-se fóra do corredor, e foi assombrando a cidade em quanto lhe passava por cima.

Dissipado o fumo, livre o heroe d'aquelle medo, achou á porta as chaves, onde o guardador as deixara ; abriu os cadeados e entrou. Como a serpente dos perigos vãos era o derradeiro, nenhum obstaculo encontrou ; a discorrer a uma e outra parte, admirou salas e aposentos, em comparação dos quaes os ganhados a Eutropa e os de Daliarte no Valle Escuro pouco ou nada valiam. Ouvio então fallar mulheres n'um quarto proximo ; estas, á vista de homem armado, cor-

reram por umas varandas que davam sobre um jardim; seguindo-as ao jardim, peça tão bella quanto se podia imaginar, á sombra de vastos loureiros e em torno de uma fonte da mais nova e maravilhosa invenção, destinguiu sentadas formosissimas donzellas, das quaes uma a todas se avantajava: era Lionarda. Algumas se ergueram para o cortejarem; a princeza o agasalhou com a affabilidade e graça com que a prendara a natureza.

Como Sardamante deixasse escripto que a passagem da serpente por cima da cidade seria o signal do desencantamento, os moradores em tropel acodiram, entraram de subito e prostraram-se a Lionarda. Alguns tambem quizeram beijar a mão a Palmeirim, que não o consentiu; pois, embora fosse extrema a formosura da princeza da Thracia e o seu reino e senhorio muito para desejar, o fiel cavalleiro susteve-se na lembrança do amor da sua senhora Polinarda, enjeitando aquelle partido. Carmelia veio com andas para conduzir a neta á cidade; onde a receberam com festejos e pompa, e serviram o cavalleiro com toda a magnificencia.

Passados oito dias, ao dispôr-se Palmeirim a partir com Selviã, vendo os magnatas que elle se calava a respeito do casamento, encommendaram ao facundo e sabio duque Radialdo que n'isso lhe fallasse. O duque expoz o negocio, encarecendo a belleza e os teres da joven rainha; mas Palmeirim, apezar do reforço que ao duque ministrava a eloquencia da donzella da Thracia, persistiu em seu proposito. Lionarda ficou descontente; sua avó recorreu ao segundo partido, ao de receber a neta a marido que lhe escolhesse o desencantador, conforme ao testamento de Sardamante. Assim o prometteu o cavalleiro, pensando logo em seu irmão Floriano, que ainda vivia izento, sem ter sujeita a vontade. Consolando a princeza, ponderou a donzella que, sendo Palmeirim namorado de outra dama, o casamento com elle não podia ser feliz; com a sua natural intelligencia aventou que o eleito seria Floriano, e disse que este era tão gentil e bom cavalleiro como o irmão, e que, não tendo ainda fixado o seu amor, o entregaria todo a Lionarda. Esta convenceu-se das razões e accommodou-se.

Carmelia tratou com Palmeirim de enviar á côrte de Constantinopla a neta com a donzella; por quanto, sendo alli a flôr de toda a cavallaria do mundo, podia ella deparar com um principe digno de sua mão. E por esta maneira

tão natural traça Moraes que a joven rainha se veja com as outras princezas; o que era conducente ao bom acabamento, segundo o plano de apresentar no fim todas as personagns, formando um grupo e reunindo quanto era interessante, na occasião do conflicto geral que desata o poema.

DESENCANTAMENTO DA MESMA LIONARDA POR SEU MARIDO E POR DALIARTE.

Passada a ceremonia dos casamentos, n'um domingo estando a espairecer as damas em uma floresta, subitamente escureceu o dia e baixou uma nuvem que as encobriu; levantou-se logo e se desfez, apparecendo no ar dois grifos desmesurados, que arrebatavam nas azas a rainha da Thracia. Esta, rotos os toucados e carpindo-se, ia espalhando clamores; os cavalleiros, deixada a montaria, accorreram ao sitio, com tenção de ir em sua busca e tornar ás aventuras. Mas Daliarte o estorvou, dizendo que repousassem, que a empresa tocava ao cavalleiro do Selvagem.

Tendo este corrido inutilmente a uma e outra parte, já sem esperança ao pé de uma serra fragosa, eis que se lhe tornou a claridade como se fôra noite; a chuva era muita, nem havia povoado que o abrigasse. Então elle e seu escudeiro perceberam gritos de mulher, que rompiam pela escuridão dos ares, e alguns ais de pessoa afflicta o obrigaram a virar as redeas aonde soavam, que era para o cume da serra, de altura immensa e de aspera penedia quanto se possa imaginar. Approximando-se, pareceu-lhe que as vozes vinham da mesma rocha; affirmou-se mais, e viu n'ella uma boca á maneira de portal, por onde podia caber um homem a cavallo. Voltou-se para deixar o seu ao escudeiro; mas este havia desapparecido por obra de Daliarte, que só ao cavalleiro queria manifestar a cova.

Entrou por ella o do Selvagem, e quanto mais andava mais perto ouvia os gritos e gemidos; e, tentando avançar, foi retido pelo cavallo, que parou espantado d'aquella treva horrorosa; desmontou-se e caminhou a pé, de espada na mão. Cessaram as vozes, de que muito lhe pesou; cria ou que era morta a pessoa, ou que já se tinha consummado o aggravo. Apressou-se, e em breve deu comsigo n'um qua-

drado cheio de rochedos em roda: o campo era verde e gracioso, com fontes e jardins; as quadras eram ocas, de portaes cortados na pedra viva, lavrados por excellencia, e serviam de entrada aos aposentos da infanta Melia, autora d'aquella maravilha. Não havia ouro, mas o artificio grandemente superava a materia: salas e salas, corredores e corredores, abertos na rocha com symetria e compasso; a elevação tamanha e singular, que ninguem pensara que fosse aquillo feitura de homens.

Examinou as casas, cuja luz descia por claraboias do mais alto do rochedo: enfiavam os aposentos uns com os outros, sem obstaculo á entrada; só uma camara tinha grossas fechaduras em sua porta de ferro puro, mas lavrada com historias antigas. Não tentou abril-a, por ver que a fortaleza lh'o impedia; mas no cabo da derradeira quadra, n'um salão que em tamanho, altura e primor, a todos se avantajava, uma estatua, encaixada na parede, n'uma velha representava a fundadora da casa; em cerco, outras figuras havia e grupos de marmore, com o que pouco se deteve para attentar em cousa que mais o espantou.

No meio avultava uma serpente de metal, que enchia quasi toda a largura da sala. Erguida sobre a cauda, alto o collo, o rosto vivo, temerosa a catadura, bem que fosse artificial, creava medo em quem lhe punha a vista. O do Selvagem andou-lhe em derredor, e viu que tinha ao pescoço uma chave de ouro pendente de um cordão fino do mesmo, e a chave tão pequena que mal se enxergava; e olhando mais attento, descobriu uma abertura, por baixo das conchas, onde serviu a chave. Ao tempo que a quiz tirar, abriu-se com ella um postigo: divisou dentro da serpente quatro cirios verdes em castiçaes de ouro, que ardiam sem se consummirem, dois ao poente e dois ao nascente: no meio dos cirios, em alcatifas riquissimas e n'um coxim de seda verde á cabeceira, estava a sua formosa Lionarda em toda a perfeição, com quanto o escuro do logar e a luz dos castiçaes a fizessem descorada; os vestidos eram os proprios que trazia na floresta á hora da sua perdição.

Por mais que bradasse, não lhe poude quebrar o somno; e, como de izento se tornara amoroso e fiel, começou a lastimar-se, e no desespero arrancou da espada, e a golpes tentou desfazer a serpente. Eram em vão os golpes; mas ella, em chammas, encobriu-se-lhe da vista. Cessou o cavalleiro,

temendo que o fogo causasse damno á sua senhora, e o fogo se aquietou; e, quando já não sabia que remedio buscasse, appareceu-lhe Daliarte, á ingleza trajado e sem armas, porque a pressa não lhe deu logar a vestil-as. Depois de se abraçarem, disse-lhe o sabio que a empresa havia mister a sciencia de um e o valor do outro; que na força do lume d'aquelles cirios sustinha-se a vida de Lionarda, e por isso ardiam sem se consummirem; que, não sendo assim, acabada a materia de que se compunham, a dama acabaria seus dias. Mandou cerrar o postigo e repôr a chave ao collo da serpente, e saíram para o campo.

Assim que pozeram pé fóra da casa, escureceu; dissipada a cerração, o cavalleiro do Selvagem achou-se desacompanhado do magico seu irmão. N'isto, remetteu a elle um touro enorme e feroz, que o lançou tão alto quanto era o penedo, e quando baixou caíu no pescoço do touro; este o levou a uma cova medonha, no fim da qual havia uma sotéa grande e bem obrada, onde o depoz e desappareceu. Em torno viam-se estatuas de Mouros famosos concorrentes no tempo de Amadis e Esplandion, e no logar de mais autoridade, Armato rei da Persia, de corôa na cabeça, com letras na coxa esquerda que declaravam seu nome.

Em quanto pascia os olhos n'aquellas maravilhas, entrou uma velha toda arrugada, que mal se sustinha, e fingindo espantar-se do encontro, atroou a sala de vozes terriveis, improprias de mulher tão fraca, pedindo ajuda ás estatuas contra o violador do seu paço: as estatuas bulliam e levantavam as espadas; mas, assim que Floriano se metteu em defesa, ellas ficaram quêdas e evaporou-se a velha. Tornou o cavalleiro á quadra em que jazia a serpente, e já topou-se com a mesma velha, pegada á fechadura para guardar a porta: elle parou indeciso, por não pôr as mãos em mulher; ella medrosa, como quem não ousava aguardal-o, com os hombros forçou a porta e cerrou-a sobre si, quebrando-lhe os cadeados, nem que fossem de cera. Quiz entrar Floriano, e sentiu que outrem lh'o vedava de dentro; porfiou, e a velha cedeu. Acompanhava-se ella de quatro homens de arnezes lustrosos, a quem se queixava do desacato; e, cada um acenando feril-o com sua maça, logo que o do Selvagem resistiu, consummiram-se em ar juntamente com a velha.

Salvo de taes impedimentos, olhou em redondo, e sobre uma columna de bronze viu em castiçal de ouro acce-

sa uma vela de cera branca, tão fina que sem o lume fôra imperceptivel. As paredes eram cheias de armarios de madeira entalhada, com fechaduras e chaves: n'uns estava parte da livraria da infanta Melia; n'outros, louçãos vestidos e toucados, com pedraria sem preço, que a mesma infanta, ao modo do tempo, fez para sua sobrinha filha de Armato, a qual falleceu em vesperas do seu casamento. Ainda que esta riqueza fosse para contentar a qualquer cubiçoso, não se contentava elle, porque não podia haver á mão o seu principal thesouro.

N'esta afflicção, visitou-o de novo o sabio Daliarte, que lhe disse com rosto alegre: « Agora, senhor cavalleiro, que « de vossa parte está feito tudo que a vós convinha, deixai « a mi o remate de vosso descanso; que, apezar de quem « volo quiz estorvar, sereis tornado a elle.» Então perlustrou bem a casa, e por consentimento de Floriano, deixando a este o immenso thesouro, por sua arte mandou para a Ilha Perigosa a livraria de Melia, que se foi encorporar á que lhe concedera Urganda. Concluida a partilha, propria de irmãos, da columna tirou Daliarte o pavio, e assim fallou: « Nesta « pequena sustancia estava toda a vida da senhora Lionarda, « e em quanto a nã poderamos aver, podéreis ser mal des« cansado: já agora, nem o poder de Targiana que isto or« denou, nem o saber da gran Drusia Velona que o fez, es« torvará fazer-se tudo á nossa vontade, e descansareis do « trabalho.» Saíu logo da casa, tornando ao salão da serpente.

Com o pavio n'uma das mãos, e na outra um livrinho de coiro preto que achara sobre a columna debaixo do castiçal, ordenou Daliarte ao irmão que abrisse o postigo da serpente com a chave que ella tinha ao collo, e lendo certas exclamações no livro escriptas, apagou-se o lume dos cirios, não todos, porque se a um tempo se extinguissem expiraria a rainha; mas, á medida que se apagava um, Daliarte o reaccendia com o pavio, cujo fogo, de qualidade contraria, além de conservar a vida, quebrava a ordem do somno. Tanto que os cirios todos foram de novo accendidos, em si tornou a rainha, cuidando que despertava de um somno costumado; porém, vendo-se n'aquella estreitura, esteve a considerar, não lhe lembrando o que se passara depois de ser arrebatada. Contou-lhe tudo o magico, e se dispoz a acabar com o desencantamento, a instancias de Floriano,

que não podia ver sua senhora tanto espaço dentro d'aquella machina.

Sem nada aguardar, o sabio Daliarte metteu o pavio pelas ventas da serpente; a qual, deitando chammas pela boca e olhos, ergueu-se e deu pela casa tres ou quatro saltos, e a cada salto abalava-se todo aquelle aposento. A rainha tornou a cair sem sentidos; e, com magoa das penas do cavalleiro do Selvagem, apressou-se Daliarte a introduzir a mão pelo postigo e a extinguir os cirios: a serpente se abriu de subito por uma ilharga, pois o seu todo na força do fogo se sustinha. Mas, como durasse o desfallecimento de Lionarda, com dó do irmão, que a elle se soccorria, tornou a ler o livro, e assim totalmente veio a si a rainha e precipitou-se nos braços do marido. Foi quebrado o encantamento.

Mostraram a casa a Lionarda, que ainda com susto a esteve correndo; e na sala da columna achou peças de tanta invenção, preço e riqueza, que, deslembrando os males passados, com alvoroço desejou ataviar-se de algumas e apresentar-se ás amigas, não tanto para matar saudades, como por ir com a natureza e indole das mulheres, que darão vida e alma por cousa que ás outras cause inveja. E com effeito, convindo n'isso Daliarte, como não podia levar tudo, vestiu-se e enfeitou-se do melhor, que era acima de quanto vira até aquella hora, com tenção de parecer bem e escurecer as demais princezas. Despediu-se d'elles o magico, e partiram com o escudeiro para Constantinopla; onde o braço de Floriano ir ser de grande ajuda a seus amigos e parentes.

DOTES DA COMPOSIÇÃO E DO ESTYLO.

O nosso poema é mesurado em sua marcha, as partes intimamente ligadas formam um todo completo; e bem que multissimas sejam as personagens, o autor n'uma só reune o maximo interesse, e o vai graduando e o reparte com os outros, sobresaindo sempre o heroe principal. N'este ponto é mais regular que o Ariosto: Ruggeiro muitas vezes contrabalança a Orlando e attrahe mais a sympathia; Palmeirim, todos lhe ficam abaixo evidentemente, e n'elle se coadunam qualidades e virtudes que em nenhum de tantos se acham juntas; as maiores empresas e façanhas sempre lhe são re-

servadas. — Em Moraes, os combates variam infinitamente; emboca a tuba de Homero com estremada valentia. E' para admirar o como consegue exprimir a grandeza e horror dos conflictos com as palavras mais simples e vulgares, e não raramente se remonta ao sublime.

Uma das difficuldades, vencidas por Ariosto, é conduzir diversissimas acções não as confundindo jámais; o mesmo se observa no Palmeirim. O poeta portuguez, a exceptuarmos uma scena entre Floriano e um ermitão, é geralmente mais casto que o Ferrarez; a imaginação de um orça pela do outro, e o mesmo digo da correnteza e affluencia de expressões; o seu estylo ostenta igualmente abundancia e variedade, porém o de Ariosto é mais conciso e castigado, sobretudo mais poetico e arrojado.

Quando mesmo o nosso Moraes não fosse tão engenhoso, não se lhe poderia negar a insigne honra de ser um dos que mais poliram o portuguez. A nossa lingua, melhorada no tempo de D. João II, era já bella nos escriptos de Gil Vicente e de alguns mais antigos; todavia, quem d'esses autores passa a João de Barros e a Francisco de Moraes, sente logo uma differença manifesta: a linguagem do Palmeirim é tal, que salvas algumas terminações e poucas mudanças de letras, quasi todas as suas palavras se reproduzem hoje em dia nos livros que não se moldam pelo francez. E este predicado é prova inteira de que a obra não podia ser de D. João II ou do infante D. Luiz: quem lê os escriptos d'esses tempos, comparando-os com o Palmeirim, tem que este é um seculo mais moderno, posto que Moraes nascesse pouco depois da morte de D. João II, e fosse contemporaneo do infante D. Luiz.

E' para notar a harmonia da prosa no nosso autor, o compasso de seus periodos, a propriedade e riqueza dos termos e das expressões, a simplicidade unida á força é a clareza: prosa tal é preferivel ao verso, quando este não é modulado pelos Virgilios, Camões, Tassos e Racines. Para dar uma idéa do bello estylo de Moraes, farei alguns extractos das suas pinturas e descripções.

PINTURA DE UM COMBATE JUNTO AO CASTELLO DE DRAMUSIANDO.

Com muito impetu remeteram juntamente, e encontrando-se em cheio assi das lanças como dos escudos, foi o estrondo tam grande como se cayra hũa rocha. De hũa parte e outra vieram todos ao chão, hũs com a força do encontro, outros pela fraqueza dos cavallos; soomente Platir, Beroldo e Polinardo, que por ajudar melhor seus companheiros se desceram muito prestes dos seus. E postos todos a pé, arrancando com furia das espadas, os escudos embraçados, a hum tempo começaram a mais cruel e temerosa batalha que no mundo se podera ver; andando tam vivos e acesos nella, com tamanho acordo, ardideza e desenvoltura.... sem conhecer-se ventaje de nenhũa das partes, nem em nenhũa dellas fraqueza.... O rachar dos escudos foi de maneira que em pequeno espaço se semeou o campo delles. Aquellas formosas sobrevistas e singulares devisas, armas de tanto preço de que os mais vinham cubertos, foram tam prestes desfeitas, que já se nã sabia enxergar a louçainha d'ellas, antes estavam tam tintas de sangue, que se nã podia crer que algum tempo foram de outra cor. O retinir dos golpes era tamanho, que por todalas partes daquelle valle soava com tamanho estrondo, como se todo elle se fundira.... Elles andaram em sua porfia por mais de hũa hora, combatendo-se de tal sorte, que no cabo nã avia armas nem forças pera pelejarem; mas seus espiritos lhas emprestavam aos membros pera se poderem soster. Nã consentio o gran sabio Daliarte .... antes acodindo entrou no campo á maneira de velho anciano, em cima de hũa serpe temerosa e grande com verga de fogo na mão, e tocando com ella, em terra cayram sem acordo.... Feito isto, se foi contra o castello, lançando a serpe pela boca e ventas tam gran cantidade de fumo negro e espesso, que todo o ar foi congelado delle, de feição que nada se podia ver, assi dentro da fortaleza como fóra della, senã algũas chãmas vivas que ás vezes por antre o fumo sahiam com tamanha furia, que parecia que tudo queimavam quanto se lhe punha diante.

DESCRIPÇÃO DO JARDIM DA ILHA ENCOBERTA.

Era feito em repartimentos, que se dividiam hũs dos outros com ruas largas tanto por compasso, que em nenhũa parte parecia que sayssem fóra delle Prantados pela borda hũs ulmeiros crescidos e de muita rama, todos de hũ tamanho e medida e postos por ordem ygual, que lhe dava muita graça. De hũ ao outro, per todo o comprimento das ruas, avia caniçadas de tantas galantarias e invenções quantas nã parecia possivel caberem no juyzo humano, tam novas como se foram acabadas aquelle dia; o chão das ruas lageado com pedras brancas e verdes á maneira de lisonjas, com que ficavam mais nobres e galantes; quantos eram os repartimentos que no jardim se faziam, tantas eram as differenças de arvores, ervas e outras flores, conformes ao lugar: que em hũs avia arvoredos de troncos muy grandes, as ramas tam altas que pareciam tocar as nuvens, e tam bastas que apenas se podia andar antre ellas, de calidade e natureza que na mayor força da calma se meneavam com vento, e o sol por antre as suas folhas nã tinha força pera impedir a sombra; em outros, outras arvores criadas pera uso da vida, de tam singulares fruitas quanto a natureza se podia esmerar; em outra parte, flores continuas de todo o anno, de tantas diversidades de côres, quantas a primavera traz comsigo quando se mais refina; em algũs, campos verdes sem nenhũa outra mistura, de hũa erva baixa quasi tosada, pera alli lograr o sol quando a humanidade o desejasse; em outro repartimento havia rochas de penedia aspera e fragosa cubertas de era e outras ervas, conforme a sua propriedade: do mais alto dellas deciam canos d'agoa, que ao decer vinham dando de pedra em pedra, e eram compostas por tal arte, que o rogido d'agoa nas pedras formava toda quanta armonia roussinoes e outros passarinhos alegres podem fazer, no tempo que mais sam para escuitar. No pé da rocha todas aquellas agoas se recolhiam em tanques cercados de hũa pedra cristalina lavrada de maçonaria de obra romana, chea de tanta sutileza e galantaria pera dar contentamento aos olhos, quanto ao juyzo humano seria trabalhoso comprender.

O que nestas cousas era mais de notar he que nenhũa

dellas padecia corrupção, mas antes estavam no propio ser e vertude com que as allí prantaram: as arvóres com sua folha, as flores com sua côr, os campos com sua graça e verdura, as rochas com sua aspereza; e sobretudo, em lugares convenientes, fontes d'agoa crara, que sayda dellas se somia por canos secretos, e logo tornava a sayr por esguichos apertados, com tamanha furia como lhe fazia trazer a força com que sahia, cayndo em pias da mesma pedra grandes e lavradas do lavor dos tanques. Dalli se repartia aquella agoa per lugares diversos, hũa pera hũa parte, outra pera outra, todas per canos de metal postos por ordem, com que se regava geralmente todo o jardim, e cada cousa sobre si; isto nã per mão de ninguem, mas a mesma ordenança dos canos hia visitando e correndo tudo. Nã sem misterio se regava de contino; que esta agoa era de tanta excellencia, ou a propriedade da terra o causava, que na vertude della se sostinha cada cousa sem corromper.

INCENDIO DA FROTA MUSULMANA.

Albayzar, que de seus imigos tinha conhecimento, nã se fiava tanto da fortuna, que á discrição della quizesse deixar suas cousas; antes, como bom capitão, se atalayava pera o porvir. E tanto que lhe pareceo que em todas as miudezas do exercito tinha provido como convinha ao estado da guerra, por conselho dos principaes della, mandou pôr fogo a toda a frota, deixando soomente algũs bergantins e navios pequenos, de que se podesse servir pera mantimentos: todalas outras naos, galés, carracas, todo genero de navios se consomio no fogo, de que o povo recebeo sinalado espanto; que viam que ficavam alojados nos campos de seus imigos, ofrecidos a guerra tam sinalada e cruel, na qual por força lhe convinha vencer ou morrer, pois toda a outra salvação lhe era tirada d'ante os olhos, e só na força de suas mãos estava a esperança de vida . . . .

Depois que o fogo começou de arder, bem paracia a tal obra de animos crueis e desejosos de vingança, que, espalhada e tendida a chãma ao longo d'agoa, parecia que esta mesma ardia; com tanta força soprava para o ar, misturada com fumo negro e espesso, que empedia a vista e o ceo.

Alem disso, o breu e o alcatrão lançava de si hũ vapor incomportavel e mao, que enjoava os homens, de sorte que os espiritos dentro nos corpos nã podiam respirar. Obra de tam sinalada crueza nunca se vio em nenhũ tempo; que, como a frota fosse em si tam grande que quasi coalhava o mar, e antre ella ouvesse algũas naos de maravilhosa grandeza, guarnecidas de purpuras, sedas e outros atavios de muito preço e valia, segundo a opinião dos principes que nellas vieram, e tudo isto á vista delles e de seus vassalos se visse consomir e desfazer em brasa por seu propio mandado e ordenança, nã avia quem com olhos fixos em tamanha destruyção podesse estar olhando; té os proprios autores e conselheiros de tal obra, e Albayzar com elles, vencidos de compaixão de tam aspera façanha, se metiam em suas tendas por nã dar testemunho della.

O roydo do fogo soava muy longe, a chãma parecia combater as nuvens, toda a matinada do mundo parecia que tinha parte em tam sinalado incendio. Os da cidade... cuidaram fora algũ mao recado, mas, depois que per ordem viram tender o fogo e que ninguem dava pressa pera apagallo, logo cayram na tenção de seus imigos. O emperador se mandou levar a hũa torre, e vendo cousa tam espantosa, nã o ouve por bom sinal... A emperatriz e as damas... trespassadas de medo, se recolhiam a suas casas, onde com lagrimas e pregarias se socorriam ao remediador de tudo. Sete dias continuos durou o queimamento; no cabo delles, que o fumo se começou a desfazer e descobrir o mar, vendo-o vazio e desemparado de tamanha frota, fazia nova saudade nos propios senhores della.

CHEGADA A CONSTANTINOPLA DE FLORIANO COM A RAINHA DE THRACIA.

Hũ dia depois de vesporas, estando o emperador sobre a estancia donde sempre costumava ver o campo e as escaramuças, e da outra parte a emperatriz, princezas e damas, ás janellas..., viram atravessar por antre a cidade e o arrayal hũ cavalleiro, que no ar e seguridade parecia cheo de soberba e confiança de si mesmo. Cavalgava nũ cavallo alazão grande, armas de ouro e prata, esmaltadas sobre o fer-

ro á maneira de troços, metidos hũs per outros, e em muitos lugares manchadas de sangue, como quem as nã trazia ociosas.... No escudo em campo de prata o Amor preso pelos cabellos a hũa coluna de ouro, a lança tendida ao travez do pescoço do cavallo, no ferro hũa bandeirinha branca de tafetá, em signal de seguridade e paz. O escudeiro lhe trazia outro escudo cuberto de couro negro, na mão outra lança pera se lhe fosse necessaria.

Vinha em sua companhia hũa dona em hũ palafrem murzello, vestida á guisa de Turquia: as roupas de setim branco, cortadas a muitos cortes sobre outra seda negra, que lustrava ao longe; os golpes nalgũs lugares tomados com troços de ouro, guarnecidos de pedras pela bordadura, toda em roda lavrada de bastidor, largura de hũ palmo; vinham por estremo entalhadas e esculpidas algũas historias antiguas, tanto ao natural, como se aquelle fora o proprio original dellas. O toucado era tambem turquesco, composto de hũa trunfa alta de seda negra, lavrada do mesmo jaez da roupa, senã quanto era de muito mayor preço. Os cabellos soltos por baixo, lançados ao longo das costas, taes que parecia que ficavam as outras peças de menos estima. Trazia rosto cuberto por não ser conhecida.

DESCRIPÇÃO DAS ARMAS DOS CHRISTÃOS PRESTES PARA A PRIMEIRA BATALHA CAMPAL.

Dom Duardos, o emperador Vernao e o sultão Belagriz, tiraram armas de branco e negro com troços de ouro, que estremavam hũa cor da outra, fortes e louçãas; no escudo, em campo negro, grifos negros com letras de ouro no bico, que diziam o nome de quem mais tinham na vontade.

Primalião e el rey Polendos sayram de armas brancas sem nenhũa louçaynha; nos escudos, em campo branco, a roca partida, como Primalião soya trazer, sendo mancebo e andando de amores com Gridonia sua mulher.

Recindos e Arnedos, reys de Espanha e França, tiraram armas conforme a sua idade, mais honestas que louçãas, de morado e pardo a quarteirões; nos escudos, em campo pardo, liões rompentes.

El rey Estrelante, Belcar seu tio, tiraram armas de ne-

gro e ouro, fortes e honestas, porque nã avia muito tempo que el rey Frisol e Ditreo eram mortos; nos escudos, em campo negro, hũas arvores de ouro.

Palmeirim de Inglaterra e Florendos tiraram as suas de verde, cravadas de malmequeres de ouro e branco; nos escudos, em campo branco, a Fortuna deitada de bruços, em sinal de nã confiarem nella seus feitos.

El rey Floramã de Cerdenha e o cavalleiro do Selvagem tiraram armas de azul semeadas de ouro, mais louçãas do que ao parecer requeria a vida de Floramã. Nos escudos vinham diferentes: que Floramã trazia no seu, em campo negro, a Morte com hũa donzella pela mão; o do Selvagem, em campo pardo, hũ selvagem com dois liões por hũa trela, que era sua devisa costumada e tam conhecida no mundo.

Dragonalte rey de Navarra, Albanis de Frisa rey de Dinamarca, vieram armados de roxo com passarinhos de prata; nos escudos, em campo verde, o Amor com hũ cavalleiro debruçado ante elle e com os pés em cima, que esta foi a devisa que Miraguarda mandou a Dragonalte que trouxessa toda sua vida, quando Florendos o venceo ante ella no castello de Almourol.

O principe Beroldo, Onistaldo seu hirmão, tiraram armas cubertas de ouro manchadas de negro; nos escudos, em campo negro, fogos do mesmo ouro; os elmos, da mesma sorte.

Polinardo e Franciã sayram de verde e roxo, cortadas as cores em tiras, metidas hũas per outras; nos escudos, em campo verde, mares de prata.

Blandidom e Frisol tiraram as suas de amarello e negro, á maneira de cunhas; e nos escudos, em campo amarello, grifos negros cravados com rosas de ouro.

Pompides e Platir traziam armas de verde compostas de esperança; nos escudos, em campo verde, touros brancos, que desta devisa se pagava muito Pompides.

O principe Graciano e Goarim seu hirmão vieram de branco e verde, as cores estremadas com cordões de ouro; nos escudos, em campo branco, mares de verde compostos de boninas de muitas cores.

Roramonte e Belisarte vieram de vermelho sem nenhũa outra mistura; nos escudos, em campo sanguino, a Esperança morta, com quem ja nã a avia mester.

Dom Rosuel e Dramiante tiraram armas de branco, se-

meadas de rosas de ouro, tomados os elmos com cordões do mesmo; no escudo, em campo de ouro, cisne branco.

Vasiliardo e Dirdem, filhos de Mayortes, sayram de pardo com florestas de arvoredos; os escudos, da mesma maneira.

Tenebror e German d'Orlians nã tiraram nenhũa louçaynha; soomente o que soyam, que eram armas das cores de suas damas.

Luyman de Borgonha e Tremorão tiraram armas de amarello, conforme a seu cuidado; que Tremorão, desconfiado de aver suà dama, tomou aquella cor, e Luyman, não tendo que esperar, seguio o mesmo; nos escudos, em campo amarello, a Tristeza pintada de negro.

Daliarte do Valle Escuro e Dom Rosirão de la Brundã tiraram armas brancas sem louçaynha nenhũa; no escudo de Daliarte, Apollo em campo verde, como sempre costumou; no de Dom Rosirão, em campo vermelho, a simitarra de Membrod, de cuja origem decendia.

Dramusiando sahio per si só em hũ poderoso cavallo ruço rodado, armado de folhas de aço muito fortes; o escudo tambem de aço com hũs debruns do mesmo, que o faziam mais rijo. Como fosse grande e trouxesse armas tã fortes e fosse bem quisto, sempre o olhava o povo com muita affeição, e nelle tinham muita esperança.

DESCRIPÇÃO DAS ARMAS DOS CONTRARIOS.

Albayzar, soldão de Babilonia, herdeiro do estado do Turco, capitão geral do campo, sahio em hũ cavallo que pera aquelle dia tinha guardado, muito bom, que lhe mandara el rey de Media, armado de armas verdes, semeadas de esperança de sua victoria; no escudo, em campo verde, hũa imagem de ouro dos peitos acima, tirada ao natural de Targiana, guarnecida de muita pedraria, mais pera o ver e guardar que pera offerecer aos encontros. E como viesse com o rosto desarmado, a viseira levantada, e de seu natural ayroso e gentil homem, parecia merecedor de tamanho carrego.

O soldão de Persia tirou armas de verde e branco, metidas hũas cores per outras, com estremos de pedraria e ouro, feitos á maneira de P, por ser a primeira letra do nome

de Polinarda, a que então era mais affeiçoado que a nenhũa pessoa do mundo, e que esperava que lhe ficasse por premio ou despojo da victoria; no escudo, em campo de prata, a Esperança contente, vestida de verde, a modo de donzella; na orla do escudo em roda, o nome inteiro de Polinarda.

El rey de Caspia tirou armas amarellas, manchadas de negro em sinal de descontente de ser vencido na batalha passada; no escudo, em campo negro, hũa onça com as unhas envoltas em sangue, como quem esperava banhar as suas no de seus inimigos.

El rey de Trapisonda veio armado de roxo, com passarinhos de prata cravados nas armas com as azas abertas; no escudo, em campo azul, o deos Mars pintado ao modo antigo com o rosto feroz e temeroso.

El rey de Parthia veio differente dos outros, com armas brancas, limpas e luzentes, sem nenhũa composição; no escudo, em campo branco, hũ leão espedaçado, por memoria de outro que matara sendo mancebo.

El rey de Etolia tirou armas de roxo e morado, cores pouco alegres e quasi conformes, sem nenhũ estremo; no escudo, em campo roxo, um touro negro.

El rey de Armenia veio armado de pardo com rosas de ouro miudas; no escudo, em campo pardo, a ave Fenix, em sinal de ser hũa só no mundo a senhora que servia.

El rey de Bamba tirou armas de ouro com estremos de prata; no escudo, em campo de prata, hũ lião dourado.

El rey de Bitinia sahio de verde com barras brancas, cortadas hũas sobre outras; no escudo, em campo verde hũ tigre de ouro de martello, cravado em roda, a orla de pedraria de muito preço.

O principe Argelao de Arfafia tirou as suas do mesmo toque d'el rey de Bitinia, por lhe ser affeiçoado e pousar com elle.

Todolos outros cavalleiros sinalados sayram armados ricamente, de que se nã faz menção por serem da parte contraria, de que se nã pode aver tam inteira informação, que se possa escrever na verdade.

Framustante, com outros sete gigantes do exercito, sayràm de armas luzentes e fortes, de aço grosso e liso sem nenhũa mistura; que, como fossem tantos e tamanhos de corpo que sobejavam muito por cima de toda a outra gente do campo, e os arnezes e elmos resplandecessem ao longe com raios

acesos que o sol fazia sayr, geraram gran temor nos animos de seus contrarios, em especial daquelles que a esperar tamanhos monstros estavam desacostumados, e polo conseguinte, gran confiança de ter victoria e vingança, nos de sua parte.

SCENAS DIVERSAS DO PRIMEIRO CONFLICTO GERAL.

Rotas as batalhas de hũa e outra parte, algũs dos que entraram nas primeiras se retiraram por cobrar alento, nã entrando na conta Primalião, Palmeirim, nem os daquella massa; que estes parecia que nã naceram pera cansar. O romper das armas, rachar de escudos, quebrar de lanças, soava tam longe e com tamanho estrondo, que parecia que alli se consomia e desfazia toda a geração humana; os alaridos de algũs barbaros fendiam as estrellas, os gemidos dos feridos, e dos que naquelle ponto acabavam de dar a vida, com tamanha lastima se representavam nos ouvidos de seus amigos, que nã havia a quem nã provocasse a lagrimas e dor.

A emperatriz com toda sua casa, vendo tal batalha e com tanta crueza, lembrando-lhe o que nella aventuravam, se meteram em seu apousento: alli, assolando os paços com gritos, parecia que a destruyção delles era chegada. Este pranto se esparzio por toda a cidade, e as matronas e donas de mayor autoridade, postas em cabello e as faces rasgadas, sahiam pela rua gritando té o paço, onde em pequeno espaço se juntaram muitas, como quem no emperador esperavam verdadeiro remedio e socorro... O emperador, como já forças e idade o desemparassem,... nã supria naquellas afrontas segundo seu costume, antes com animo mais feminil que de homem esforçado resistia aquelles medos.

Dom Duardos, capitão geral, como viesse de refresco, desejoso de mostrar suas obras, antes de quebrar a lança, derribou tres cavalleiros, depois com a espada abria caminho per antre a força dos imigos. Albayzar, que o mesmo confiava de si e o proprio desejo trazia, se fez tanto sinalar antre os seus, que nenhũ outro se olhava com mais inteira confiança... O gigante Almourol, que té li entendera em guardar Recindos seu senhor, vendo que contra elle com hũa maça de muitas puas se vinha o gigante Dramorão, a quem a

mais da gente dava caminho, se lhe poz diante: Recindos, que lhe quiz pagar sua lealdade com ajudallo, segundo sempre costumava, vio que da outra acodia outro gigante em favor de Dramorão, e como seu animo não fosse pera enjeitar alguã afronta, o recebeu acompanhado de seu esforço. Recindos era já velho, cansado, desacostumado de tamanhos casos; falecendo-lhe socorro, foi tam cargado dos golpes de Trafamor, que assi se chamava o gigante, que cortado dos fios de sua espada té o intrinsico de suas entranhas, cahio a seus pés morto, dando fim á vida no em que sempre o desejou... Chegou alli o gran Palmeirim de Inglaterra, cansado e trabalhado do muito que fizera, cuberto de sangue assi seu como de seus imigos, que vendo tamanho desastre e perda, remeteo a Trafamor: por algũ espaço se combateram; mas no fim, como ninguem os apartasse, Trafamor pagou a morte de Recindos, ficando Palmeirim tal, que foi forçado sayr-se da batalha.

A este tempo o principe Beroldo de Espanha, tornado de novo á batalha, ouvindo dizer a morte de Recindos seu pay e de Onistaldo seu hirmão, perdido o juyzo natural, como cousa bruta e sem nenhũa rezão, se meteo na força dos imigos, fazendo façanhas antre elles, com desejo de chegar aonde seu pay estava e alli dar fim á vida juntamente com a de seu hirmão, por lhe não ficar tamanha lastima... Por certo, esta se podia chamar a mais malaventurada batalha que a natureza podia ordenar, porque, além de tantas mortes de singulares principes e esforçados cavalleiros, nacia delles outro modo de tristeza...: por hũa parte, verieys entrar os filhos de Belcar, Dom Rosuel e Belisarte, rompendo os imigos, perguntando por seu pay, pelejando sem nenhũ concerto nem ordem; por outra parte, Franciã filho de Polendôs, bradando polo seu. Então, como fossem tamanhas pessoas, tam chegadas ao emperador, cada um os seguia e acompanhava; alem disso, com saluços e lagrimas faziam a batalha.

Beroldo chegou aonde Recindos seu pay estava; alli achou o gigante Almourol com o elmo perdido, o rosto descuberto, a cabeça desgrenhada, os olhos involtos em sangue e lagrimas pola morte d'el rey seu senhor; a catadura temerosa, tal que com ella fazia medo; a espada tomada com ambas as mãos; e pelejava valentemente, ainda que com saluços, tendo sete ou oito cavalleiros mortos a seus pés, com tenção de naquelle proprio lugar sepultar seu corpo, em sinal

da muita fé, amor e lealdade, que lhe sempre tivera... Primalião trabalhou por tirar da batalha Almourol, polo ver sem elmo e as outras armas rotas, e com muitas feridas. Mas a sua fiel brutalidade de tanta constancia estava acompanhada, que nunca o puderam desviar della. Alli recreceo gran numero de imigos, que o soldão de Persia... eutrou de novo com gente folgada... Com esta gente vêio o gigante Gromato, estremado em forças, que, rompendo os imigos, chegou a Almourol, mas o esforçado Florendos se lhe poz diante... Almourol, antes que Gromato se podesse aproveitar de hũ golpe com que decia, cerrou com elle a braços, onde recreceo muita gente de hũa e outra parte, cada hũ por acodir ao seu. Por derradeiro, Almourol acabou nas mãos de Gromato, a quem tambem Beroldo cargou de taes golpes, que ambos a hũ tempo fizeram fim.

TRISTEZA E TERROR EM CONSTANTINOPLA DEPOIS DA PRIMEIRA BATALHA.

Acabado de se apartarem os capitães com sua gente, por consentimento de Albayzar e Primalião, retiraram do campo os principes mortos pera lhes darem sepultura... Muito mais triste pareceo este recolhimento do que o fora a mesma batalha... resolveo-se tudo em pranto; que, como nã vissem diante si os imigos e vissem seus amigos ja mortos, cuja conversação perdiam perpetuamente, a dor que disso tinham trazia choro e o causava muito mais; que viam que cada principe vinha cercado de seus filhos e vassalos, que, descubertas as faces envoltas em lagrimas, recontavam suas proezas e feitos: traziam á memoria a falta de suas obras: chamavavan-os nomeando-os por seus nomes, pedindo-lhes que respondessem, e de ver que invocavam cousa impossivel, com vozes altas e tristes que pareciam chegar ao céo, convertiam a todo o mundo a ajudallos neste pranto.

Desta sorte chegaram á cidade; acharam a emperatriz... com todas as outras princezas e damas, que no campo tinham seus penhores, chorando sobre os corpos de Recindos rei d'Espanha e de Onistaldo seu filho. As mais dellas os sayram a receber em cabello, que ja sabiam sua desventura, e cada hũa perguntava pelo que lhe mais doya. Quando á rainha de

França e Francelina foram presentados os maridos mortos e espedaçados, a outras os filhos e hirmãos cubertos de sangue e feridas, pode se crer que esta foy h"a das mais lastimeiras cousas do mundo; que, como as molheres nas paixões acidentaes tem menos sofrimento e tudo querem pagar com lagrimas e choro, de tal sorte fizeram seu pranto, que nã havia pessoa, que as ouvisse, que nã chorasse com ellas movidas a piedade. Algũas rasgavam as faces, outras destruyam os cabellos, merecedores de nã os tratarem assi. Antre estas ouve em quem a paixão teve tanta força que, esmorecidas e fóra de seu acordo, foram levadas a suas pousadas.

Muitas senhoras e damas, entrando per antre as capitanias, rompendo a ordem dellas, com gritos perguntavam por seus maridos, filhos e hirmãos: as que os achavam eram em tal estado, que os nã podiam receber senã com pena e pouca esperança de saude; as outras, que dos seus nã tinham noticia, como doudas os queriam yr buscar ao campo onde suas vidas acabaram, e alli acabar tambem com elles... A emperatriz de Allemanha, a raynha d'Espanha, abraçadas com seus maridos, envoltas em seu propio sangue, com lagrimas os cubriam e banhavam, com as mangas das camisas lhes limpavam as feridas, beijando-as muitas vezes; que o amor, onde está, nenhũ empedimento põe a cousa tam desacostumada. Grande espaço se consomio nisso, e com gran fadiga Primalião e Dom Duardos as fizeram recolher.

Cardiga molher de Almourol, que tinha seu marido nos braços, nã avia quem a abalasse, antes com temerosos urros e palavras cheas de gran dor e lastima chorava sua desaventura e desemparo. Com esta mostra de amor de Cardiga, lembrando a maneira de que seu marido morrera, nem avia pessoa de tam rijo coração que ousasse apartalla delle, e a rogo de Dom Duardos a raynha Flerida, a quem as feridas de seu marido e filhos traziam trespassada, se chegou pera ella e a consolou e acompanhou, té aquelle primeiro impetu fazer termo.

O grande emperador Palmeirim, em cujos ouvidos toda esta desaventura foi representada, como ja nã fosse pera esperar tamanhos medos, a natureza o desemparou, de maneira que, tolhido de toda a força e vigor corporal, ficou desemparado de sua virtude, sem nenhũ sentimento em seus membros. Pera pior, variou-se-lhe o juyzo e o entendimento, ficando de todo sem elle; e, como ja fosse chegada a sua ora

e estas mostras começassem a ser indicio, aquella noite morreo a sua ave, de que em seu livro se faz menção, dando antes da sua morte gritos espantosos e tristes.

DEFEITOS DA COMPOSIÇÃO E DO ESTYLO.

Convem parar nos extractos: a querer-se dar uma completa analyse de todas as bellezas, fôra mister um grosso e extenso volume. Vamos agora aos defeitos da obra.

Moraes, como já o provámos, compôl-a em tres para quatro annos; pouquissimo tempo, se reflectirmos que o Palmeirim é pelo menos da longura do Orlando Furioso. Embebido na composição do todo, no entrecho de tantas aventuras e episodios, não poude limar o seu trabalho; seu estylo, ainda que admiravel em geral, ás vezes é deleixado e incorrecto. No começo lê-se a obra com fadiga: isto vem de que o autor, em vez de principiar como um poema, faz citações e toma o ar de um compilador; mas quem vence a repugnancia dos primeiros capitulos, é recompensado com o interesse crescente, sobretudo quando os cavalleiros se vão juntando no castello de Dramusiando. Posto que o todo seja optimamente ligado, deseja-se que seus capitulos sejam melhor divididos: não raramente corta elle uma historia, e no meio do capitulo enceta ou continúa outra bem differente; o que lhe é commum com o Ariosto, a quem sobre modo se assemelha.

Moraes não sabe tocar a sensivel corda do amor; falta-lhe o profundo e o mavioso de Virgilio na antiguidade, ou de Torquato Tasso, ou de alguns tragicos e romanceiros modernos: alambica nas fallas as expressões, e é n'isto da escola de Petrarca, sem ter comtudo a sua delicadeza. O forte do homem é a imaginação: comparavel commummente ao cantor Ferrarez, muitas vezes a Homero, quasi nunca o é a Virgilio. Tem fluido e nervoso estylo, dicção pura e variada, é cheio de bellissimas imagens; mas a abundancia de suas expressões de quando em quando lá degenera em profusão e prolixidade: repete os vocabulos no mesmo periodo sem precisão. Em alguns logares quiz imitar os antigos; é sem gosto a sua imitação: tal é uma em que elle traduz e encaixa pedaços de Virgilio.

Não apontarei como pecha a confusão de idéas geogra-

phicas, historicas e chronologicas; porque todo mundo sabe que nos livros de cavallaria ha uma geographia, uma historia e uma chronologia, que só elles conhecem, e criam reis e principes e reinos a sabor da sua phantasia. Mas aponto como reprehensivel o findar sempre cada capitulo com uma sentença, as mais das vezes destituida de graça e o seu conceito vulgar. Em poucas passagens, parece falho na grammatica; porém, tendo sido tão más as primeiras edições, injusto é imputar-lhe este defeito; ha talvez omissão de palavras que regularisariam o sentido.

TERCEIRA PARTE.

Qual seja o logar do nascimento de Francisco de Moraes, é ponto contestado. Seu bisneto o padre Balthasar Telles, da Companhia de Jesus, diz na sua Historia da Ethiopia, cap. 1.º: « Por estas duas causas se fingirão da Ethiopia historias mais aerias e mais escusadas no mundo do que forão as do nosso insigne Brigantino Francisco de Moraes no seu mui celebrado e fabuloso Palmeirim de Inglaterra; porque este autor, com a amenidade do seu florido engenho e com a suavidade de seu eloquente estilo, só pretendeo recrear os leitores com fabulas doutas e ficções engenhosas. » — O editor de 1786, crendo que o adjectivo *Brigantino* exclusivamente significa *natural de Bragança*, n'elle se apoia para combater a opinião do abbade Diogo Barbosa Machado, que, depois de ter dado a Moraes por patria aquella cidade, o chamou filho de Lisboa. Ora, se o padre Balthasar tivesse dito claramente que o seu illustre avô era de Bragança, devera seu testemunho prevalecer ao de Barbosa; mas *Brigantino*, assim como indica o logar do nascimento, indica tambem a familia: *Brigantino* pode mostrar simplesmente que elle descendia dos Moraes de Bragança; e o *nosso* do padre Balthasar parece dizer unicamente que o avô e o neto pertenciam áquella nobre linhagem.

Por outra parte, o pae do poeta, o cavalleiro de Christo Sebastião Valcaçar, viveu em Lisboa e tinha um morgado em Xabregas, onde a rainha D. Catherina edificou uns paços, pagando-lhe pelo sitio duzentos mil réis de juro, conforme se lê no citado Barbosa: não é muito que Moraes nascesse junto de Lisboa, em Xabregas, assento do morgado de seu pae; embora a sua parentela e ascendencia fosse de Bragança. A casa reinante no Brazil e em Portugal teve o seu antigo solar n'aquella cidade; só por isso ainda hoje os membros d'ella se denominam *Bragações*, outra forma de *Brigantinos*, sem embargo de não nascerem alli; sendo certo que, depois da elevação de D. João IV, os principes d'esta casa

viram a luz junto de Lisboa, e do ramo primeiro ao presente brotam os renovos no Brazil.

São tudo conjecturas, mas parecem-me admissiveis as em favor de Lisboa ou seus arredores. O autor no Palmeirim, fallando do Tejo, diz que este rio banha os principaes campos da guerreira Lusitania; o que parece um dito proprio de natural de suas margens, e não de um de Bragança. Os campos regados pelo Tejo estão longe de ser os melhores de Portugal, pois lá se acham os de Entre Douro e Minho para lhes disputarem a primazia; e, se Moraes fosse do norte do reino, fugiria de rebaixar comparativamente as terras junto ás quaes fosse nascido. Note-se mais que as cidades e logares de Portugal de que trata no seu longo poema, são todos perto de Lisboa: Tancos, Thomar, o castello de Almourol, o de Cardiga, etc. Uma só vez nomeia a cidade do Porto; e os homens *lá de cima*, segundo a expressão dos Lisboetas, são largos em louvar as suas cousas.

Já disse quem era seu pae: sua mãe foi Juliana de Moraes. Chamou-se Francisco de Moraes *Palmeirim*; appellido que se lhe concedeu em paga da sua obra, e que muitos dos seus netos conservam: consulte-se a Genealogia de Belchior Gaspar de Andrade, no titulo de *Moraes Palmeirim*, cujo original esteve, não sei se ainda está, na Bibliotheca da Real Casa das Necessidades; consulte-se tambem o tomo quarto da Genealogia de Fr. Gaspar Barreto, que esteve, não sei se ainda está, na Bibliotheca de S. Bento da Saude.

E' igualmente duvidoso o dia e anno em que nasceu; mas, como esteve em Paris de 1540 a 1543, sendo rejeitado pela donzella Torci por já ser idoso, pode-se conjecturar que estava com os seus quarenta ou mais, e devia ter nascido ou no fim do seculo XV ou logo no principio do seculo XVI. Dos seus amores mal afortunados nada mais direi, porque atraz vem sufficientemente mencionados. — Casou, depois de voltar de França, com Barbara Madeira, filha de Gil Madeira, de quem houve numerosa descendencia, como o affirma o allegado Leitão de Andrade. Foi thesoureiro de D. João III, o que attesta o fôro de probidade em que andava; professou na ordem de Christo aos 17 de Abril de 1566 e foi n'ella commendador, segundo consta da Historia Genealogica da Casa Real: honras adquiridas sem duvida em premio dos seus serviços diplomaticos e como thesoureiro. — Morreu

violentamente, affirma-o Diogo Barbosa, á porta do Rocio de Evora em 1572, sendo então maior de setenta annos.

Ha uma carta ou memorial de D. Ignacio de Noronha a D. João III, notado por Moraes, no qual aquelle magnata pede a el-rei que passe o titulo de conde a seu irmão D. Francisco, cedendo o mesmo D. Ignacio do seu direito de primogenitura. D'essa carta, onde se allude aos serviços do filho segundo na embaixada de França, vê-se que Moraes era como o letrado e conselheiro dos Linhares, e que de sua penna se serviam: por esta razão é que o nosso autor foi de secretario com D. Francisco, naturalmente para guial-o com seu saber e experiencia. N'aquelles tempos em Portugal, assim como hoje na Russia, na Austria e n'outras monarchias absolutas, de embaixador ou ministro enviavam qualquer dos grandes, não poucas vezes ignorante, e em sua companhia alguem dotado de conhecimentos e prudencia: trocavam-se d'esta maneira os logares, pondo-se o merito abaixo do acaso do nascimento; usurpava-se a gloria a quem se devia a boa gerencia dos negocios, consignando-se a outrem em cujo nome esses negocios corriam. Repare-se em que o Visconde de Santarem louva a pericia com que o embaixador se portou na côrte de Francisco I, e nem sequer menciona a Moraes; porém ahi permanece a carta ou petição para testemunhar quem era a alma d'aquella embaixada. Isto me lembra certas bellas igrejas e fabricas, feitas em tempo de tal ou tal monarcha, das quaes se ignora quem fosse o architecto.

O que acima acabo de expôr é mais um ponto por que se tocam os autores do Orlando e do Palmeirim. Ariosto de uma imaginação de fogo, a quem talvez julgavam incapaz de tudo em que se requer juizo solido, por certo que o mostrou cabal, quando enviado pelo duque Affonso junto ao papa Julio II, quando encarregado de suffocar tumultos em uma provincia infestada de salteadores, e ainda em outras conjunturas. O vulgo assenta que os homens de ingenho mal prestam para cousa seria, e como que exige para os empregos e funcções publicas que o candidato seja pesadão e secco de pensamento. Eu ouvi cá em Paris, a certo aprendiz de diplomata, que pouco ou nada valiam as letras e sciencias para a diplomacia; que o essencial era que o sugeito soubesse bem *receber e apresentar-se*; ao que podera accrescentar que um dos mais necessarios estudos, pospondo-se mesmo o dos tratados e leis, é o de conhecer a côr das luvas que se deve

trazer em dadas occasiões, e qual dos copos se ha de offerecer ao vinho que o escanção ministra nos banquetes.— Muito ingenhoso era o insigne Rubens, e desempenhou comtudo missões difficeis e importantes junto a James I rei de Inglaterra, junto a Philippe IV de Hespanha, junto á republica das Sete Provincias Unidas.

Este costume, o de nomear-se um figurão para o posto superior e alguem de boa cabeça para segundo, vogava no tempo do Conde de Tarouca, o mesmo que fez o tratado de Utrecht sobre os nossos limites na Guyana; pois, ainda que fosse honrado e instruido, estava muito abaixo de D. Luiz da Cunha, que o acompanhou na enviatura: a este ultimo, talento de conta, é que devemos os artigos d'aquelle tratado, ancora que segura as nossas possessões ao Cabo de Orange, contra a cobiça e pretenções do Governo Francez, ha mais de um seculo. — Houve outra enviatura a Paris, onde um grande do reino, de cujo nome me não lembro, tinha a seu lado o philologo João Franco Barreto, que tanto fez em pró da lingua e literatura patria.

No principio do reinado do primeiro imperador, no Brazil tentou-se introduzir o mau costume dos velhos governos, e nomeou-se para encarregado de negocios, em uma das côrtes estrangeiras, certo estudante filho de um titular de fresca data, e para seu secretario um *habil bacharel* em leis, que lhe fosse mentor: graças porém ao progresso das nossas instituições liberaes, o secretario dé então é considerado como um dos nossos melhores diplomatas, e o filho do fidalgo novo naufragou na carreira.

Já vimos que o Palmeirim, vindo impresso de fóra do reino, dedicou-o Moraes á infanta D. Maria em principios de 1544; que a dedicatoria, em manuscripto, nem foi estampada na segunda edição de 1567; que só começou a sel-o da terceira em diante, por Affonso Fernandes, em 1592; que houve quarta edição em 1786. Em nossos dias, ha uns dezeseis ou dezoito annos, publicou-se em Lisboa uma quinta, que não pude haver á mão; consta-me que é muito conforme á quarta, porém com orthographia mais regular. — Verteu a obra em castelhano Luis Hurtado em 1547, como o demonstrámos na Primeira Parte. Verteu-a em francez Jacques Vicente; publicou-se esta versão, em Lyon no anno de 1553, em Paris no de 1574. Verteu-a em italiano Lucio Spineda; versão impressa em 1584 e em 1609. Não pude averiguar

se a traduziram em allemão ou em inglez, ou em qualquer das outras linguas; bem que Manuel de Carvalho, editor dos Dialogos, offerecidos em Junho de 1624 a Gaspar de Faria Severim, executor mór do reino, affirme que o Palmeirim « foi tam celebrado por todas as provincias da Europa, que cada huma o quiz fazer proprio traduzindo-o. » — Ha poucos annos, Mr. de Monglave fez outra versão em francez, directamente do original portuguez; mas não pude alcançar o seu livro.

Além do admiravel Palmeirim de Inglaterra, que lhe grangeou o posto eminente que occupa entre os classicos, Moraes compoz: 1.° Dialogo entre um fidalgo e um escudeiro, no qual se mostra a sem razão da altiveza d'aquelle para com este; 2.° Dialogo entre um fidalgo e um doutor ácerca da preferencia das armas ás letras ou das letras ás armas; 3.° Dialogo, em estylo jocoso, de amores de uma regateira com um moço da estribeira; 4.° Petição ou carta de D. Ignacio de Noronha a D. João III a respeito da renuncia do titulo de conde em D. Francisco de Noronha; 5.° Desculpa de uns amores que teve em Paris com a donzella Torci. — Posto que todos estes opusculos sejam escriptos com vivacidade e graça, em linguagem excellente, não podiam libertar a Moraes das mãos do esquecimento, de que o arrancou o seu ingenhoso poema.

O abbade Diogo Barbosa Machado assigna-lhe tambem: — Relação das festas que Francisco I fez nas bodas do duque de Cleves com a princeza de Navarra no anno de 1541; — Relação das exequias e enterramento de Francisco I em 1546. Ora, é possivel que a primeira seja de Moraes; porém a segunda não o é certamente, porque elle já não estava no reino de França em 1546, nem a morte d'aquelle monarca succedeu em 1546, mas em 1547. — Se ainda se conserva a correspondencia official de D. Francisco de Noronha com o governo de D. João III, esses escriptos se devem considerar de Moraes, segundo o que acima ficá expendido, embora estejam em nome do embaixador.

O mesmo Barbosa tambem lhe attribue: — *Libro que trata de los valerosos hechos em armas de Primalion hijo del emperador Palmeirin, y de su hermano Polendos, y de Don Duardos principe de Inglaterra, y de outros preciados cavalleros de la corte del emperador Palmeirin.* — Esta obra (n'isto sou do parecer de Francisco José Dias, editor de 1786)

não é de Moraes: 1.º porque este a cita, e a contradiz e conta alguns factos por maneira bem differente, affirmando que os leu em *mais antigos e autenticos autores*; 2.º porque o nosso classico amava a nossa lingua e não gostava de escrever em outra; 3.º porque o modo de narrar de um e outro livro não parece de um mesmo escriptor.

Esse livro hespanhol consta que foi composto por uma senhora Portugueza, e no fim d'elle se lêem os seguintes versos:

En este esmaltado y muy rico dechado
Van esculpidas muy bellas labores
De pazes e guerras y castos amores
Por mano de duena prudente labrado.
Es por exemplo de todos notado
Que lo verosimil veamos en flor,
Es de Augustobrica aqueste labor
Que agora em Medina se ha estampado.

Com estes versos concorda D. Nicolao Antonio n'estas palavras: « Anonima quædam fæmina author est prosaici illius nec parum celebrati poematis... Lusitanam fuisse Lusitani credunt scriptores. »

Seja o livro de uma senhora portugueza ou de outrem, certo não é de Moraes; e com razão conclue o editor do Palmeirim, em 1786, que, pelo testemunho do mesmo livro e de D. Nicolao Antonio, — pela antiguidade das edições do Primalião, — pela absoluta diversidade do estylo, — e muito mais pelo amor e predilecção do nosso autor á lingua portugueza, está bastantemente demonstrado não ser d'elle esse livro escripto em castelhano. Assim que, têm elle um só titulo que o recommende á posteridade, mas um titulo grande, como bem poucos podem allegar.

ELOGIOS DE VARIOS AUTORES AO NOSSO POEMA.

Pero de Magalhães Gandavo, na sua orthographia, edição de Lisboa de 1590, diz: « Vede o estylo da linguagem de Lourenço de Caceres, de *Francisco de Moraes*, de Jorge Ferreira, de Antonio Pinto, e de outros illustres varões que na prosa tanto se assinalaram, descubrindo com seus ingenhos perigrinos o segredo da gravidade e formosura deste nosso portuguez. »

Diogo Fernandes, autor da terceira e quarta parte do Palmeirim (obra mediocre, como são as de quasi todos os continuadores) na dedicatoria diz: « Ha tanto se deseja a segunda parte do Palmeirim de Inglaterra, por quam bem a primeira tem parecido aos que a leram. »

Balthasar Gonçalves Lobato, no prologo da quinta e sexta parte, escreve: « Pareceo tamanha ousadia querer alguem seguir a Chronica de Palmeirim de Inglaterra, por quam bem assi ella, como a terceira e quarta parte da mesma, tem parecido, que antes a temeridade que a outra cousa se pode com razão attribuir. »

Miguel de Cervantes, parte I cap. 6, põe isto na boca do cura: « y esa palma de Inglaterra se guarde y se conserve como á cosa unica, y se haga para ella outra caja como la que halló Alejandro en los despojos de Dario, que la diputó para guardar en ella las obras del poeta Homero. Este libro, señor compadre, tiene autoridad por dos cosas; la una porque él por si es muy bueno, y la otra porque es fama que le compuso un discreto rey de Portugal. Todas las aventuras del castillo de Miraguarda son bonissimas y de grande artificio, las razones cortesanas y claras, que guardan y miran el decoro del que habla com mucha propriedad y entendimiento. Digo pues, salvo vuestro buen parecer, señor Maese Nicolés, que este y Amadis de Gaula queden libres del fuego, y todos los demás, sin hacer mas cala y cata, perezcan. »

Manuel de Faria e Sousa, Comment. a las Rimas de Cam. part. 4, pag. 102, assim o exalta: «De las historias no verdaderas entre los vulgares tiene el primero lugar nuestro Portugues Francisco de Morales con su parte primera del Pal-

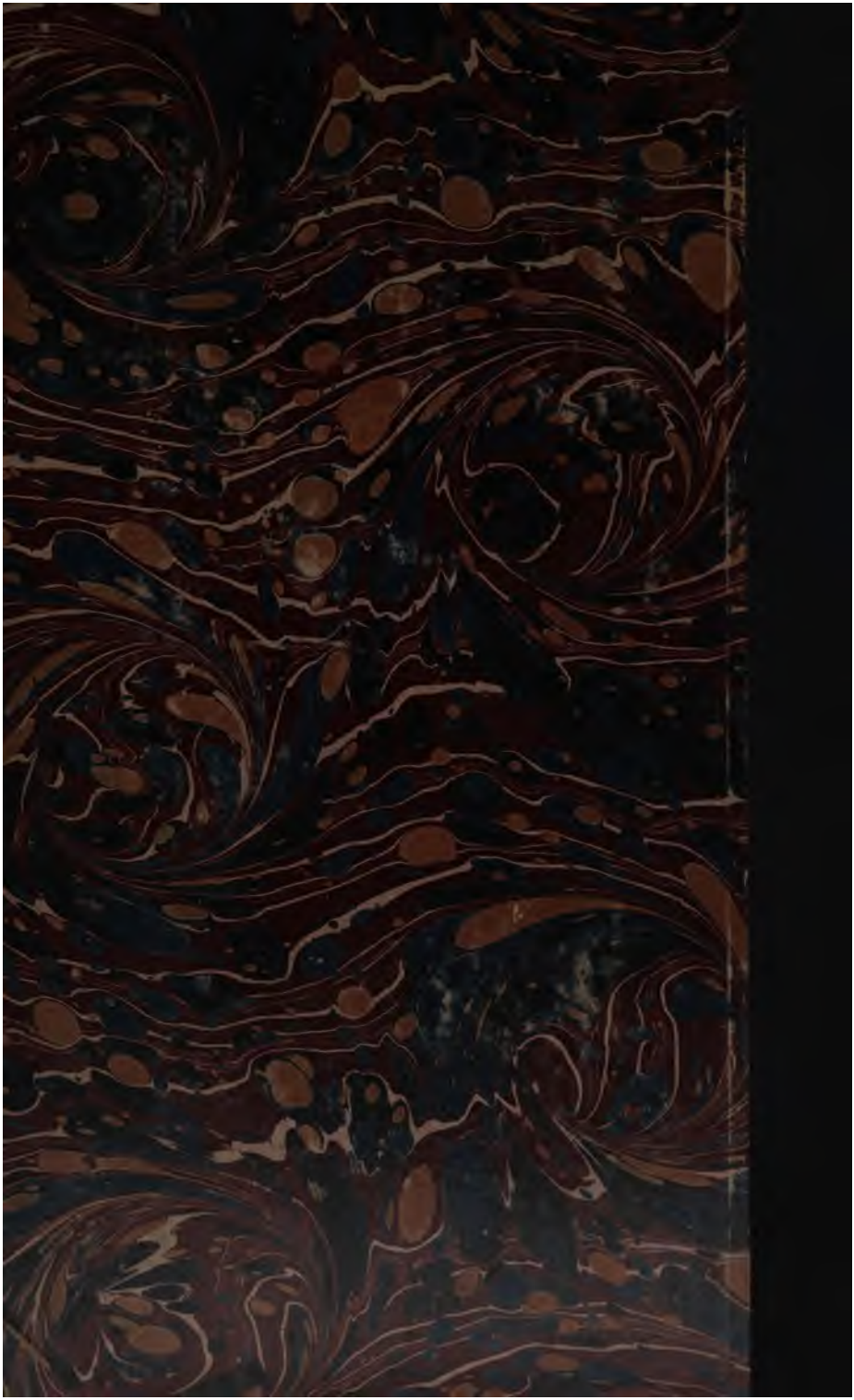
meirin Ingles: puede servir de magisterio a los que quisieren escrivir una historia fabulosa. » — O mesmo Faria, na sua Europa, repete: «Desta suerte de libros, de que despues daquel primero escribieron tantos en Europa, es primero en bondad el de Palmeirin de Inglaterra, escripto por Francisco de Morales en tiempo del rey Don Juan III, obra que algunos creyeron ser del rey Don Juan II.» — Torna a dizer no cap. 9: «Aun en los años de los reys Don Juan II y Don Manuel y Don Juan III, permanecia mucho desto (falla da linguagem barbara) quando Francisco de Morales, con su Palmeirin de Inglaterra, subito dió mejor luz a nuestra lengua.»

Além d'estes testemunhos e dos citados no corpo do Opusculo, muitos outros ha em favor da excellencia do nosso autor; mas citarei ainda dois nomes respeitaveis, Walter Scott e Fr. Franscisco de S. Luiz: o primeiro, ingenho superior; o segundo, homem douto e de bom gosto, que deixou uteis escriptos, posto que abaixo da sua capacidade. A pouca extracção que tem os livros em Portugal, e o mesmo se pode affirmar do Brazil com leve differença, faz que os nossos homens de letras ou se calem ou a medo produzam alguma cousa. De mais, não se quer ler portuguez; e quem n'esta lingua escrever, deve traduzir a obra *em francez* e esconder o original.

Tenho ouvido a Portuguezes e a Brazileiros que a nossa raça apenas se deve honrar de possuir Camões; porém os que assim fallam tem a má logica de fazer uma exclusão geral sem conhecerem os excluidos; são de todo alheios na materia. Não é mal aquinhoada a literatura que, entre os prosadores, se ufana dos nomes de Castanheda, Francisco de Moraes, Barros, Damião de Goes, Pinto Pereira, Couto, Sousa, Lucena, Fernão Mendes, Jacintho Freire, Vieira, padre Bernardes, Theodoro de Almeida, e tantos outros; e entre os escriptores em verso, tem Gil Vicente, Sá de Miranda, Ferreira, Camões, Diogo Bernardes, Côrte Real, Sá de Menezes, Lobo, Vasco Mousinho, Gabriel Pereira, Garção, Diniz, Tolentino, Bocage, Francisco Manuel, Durão e Sousa Caldas, Garrett e mais alguns: não quero fallar dos vivos, entre os quaes ha ingenhos de primor.

Mas paro aqui. Estou persuadido que, na Primeira Parte, provei exuberantemente o que me propuz; que, na Terceira, quasi nada me ficou por dizer. Quanto á Segunda Parte, o assumpto não foi esgotado; melhor e mais miuda ana-

lyse se póde obter: mas o meu fim unicamente foi dar uma breve noção das bellezas de Francisco de Moraes, e chamar a attenção adormecida sobre um escriptor em quem se reunem os mais excellentes predicados.

FIM.

3 2044 019 270 230